



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE ANGICOS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

WILIANE ROUSE DA SILVA

***“EU ACREDITO QUE SOU UMA BOA MÃE, MAS AINDA NÃO SOU UMA BOA
ESTUDANTE”***: TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES MULHERES QUE SE
TORNARAM MÃES NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFERSA – CAMPUS
ANGICOS

ANGICOS/RN

2024

WILIANE ROUSE DA SILVA

***“EU ACREDITO QUE SOU UMA BOA MÃE, MAS AINDA NÃO SOU UMA BOA ESTUDANTE”*: TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES MULHERES QUE SE TORNARAM MÃES NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFERSA – CAMPUS ANGICOS**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Evanilson Gurgel de Carvalho Filho

ANGICOS/RN

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

SS586 Silva, Wiliane Rouse da.
Wilia "Eu acredito que sou uma boa mãe, mas ainda
ne não sou uma boa estudante": trajetórias de
rouse estudantes mulheres que se tornaram mães no curso
da de Pedagogia da Ufersa - Campus Angicos. /
silva Wiliane Rouse da Silva. - 2024.
" 65 f. : il.

Orientadora: Evanilson Gurgel de Carvalho
Filho.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Pedagogia, 2024.

1. gênero. 2. maternidade. 3. Curso de
Pedagogia. 4. Política de Assistência Estudantil.
5. Currículo. I. Carvalho Filho, Evanilson Gurgel
de, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo autor(a).

Biblioteca Campus Angicos
Bibliotecário: Helder Romero Maia Duarte
CRB: 15/673

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

WILIANE ROUSE DA SILVA

***“EU ACREDITO QUE SOU UMA BOA MÃE, MAS AINDA NÃO SOU UMA BOA ESTUDANTE”*: TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES MULHERES QUE SE TORNARAM MÃES NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFERSA – CAMPUS ANGICOS**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Defendida em: 09 / 04 / 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Evanilson Gurgel de Carvalho Filho (UFERSA)
Presidente

Prof. Dr. Ana Maria Pereira Aires (UFERSA)
Membro Examinador

Prof. Dr. Marlécio Maknamara (UFPB)
Membro Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às mulheres da minha vida. À minha amada bisavó Pretinha (In memoriam), por cada gesto de amor e cuidado incondicional. Lembrarei de tudo, até o meu último suspiro. À minha mainha Maria, mesmo não me criando, você sempre esteve presente em minha vida de todas as formas possíveis. Te amo! Às minhas irmãs, Hamanda e Gracinha, que nunca desistiram, lutam pelos seus sonhos e aos poucos estão realizando, mesmo em meio à maternidade. Dedico ainda a todas as mulheres mães. Em especial às entrevistadas que demonstraram coragem em compartilhar suas histórias e experiências, grata pela confiança, paciência e contribuição significativa. Espero que este estudo possa trazer visibilidade e reconhecimento merecido para as suas vozes. Obrigado por fazerem parte desta jornada na luta pela igualdade. Somos extraordinárias.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus por Sua presença constante, por me sustentar nos momentos difíceis e fortalecer quando me sentia fraca. Agradeço pelas oportunidades e pessoas incríveis em meu caminho. Reconheço Sua mão em cada conquista e atribuo a Ele toda glória e honra.

À minha família paterna, em especial a tia Lurdinha, por toda dedicação a mim juntamente a minha bisavó. Que com muitos sacrifícios fizeram de tudo desde a minha infância. Tia, mesmo sendo reservada, sua preocupação e cuidado são evidentes. Quero que saiba o quanto sou grata.

Agradeço também à minha querida filha, que desde o primeiro dia de aula, esteve ao meu lado, mesmo antes de nascer. Sua presença na minha trajetória de vida pessoal e acadêmica foi um verdadeiro presente, sem a sua existência jamais entenderia a maternidade de forma tão profunda e na sua total complexidade. Ayla, mesmo enfrentando as dificuldades de conciliar os cuidados com você e a construção do trabalho, eu encontrava forças no olhar brilhante que você me lançava. Tu foste motivação para seguir em frente e concluir esse TCC. Sua presença foi mais do que suficiente. Obrigado por ser meu grande incentivo e companheira fiel. Te amo além das palavras!

Agradeço, ao meu “namorado” Wesley, pelo apoio, por ser companheiro até nas noites mal dormidas, por deixar seu celular dias e dias para que eu concluísse esse e vários outros trabalhos. Deixo aqui registrado uma frase que usamos desde que nos conhecemos: Sejamos um para o outro o melhor que podemos ser, e que possamos desfrutar do nosso pequeno infinito enquanto durar.

Também ao meu círculo de amizade, alguns não permanecem hoje, mas fizeram parte da minha caminhada e me ajudaram a tornar o fardo mais leve em determinado momento. Gratidão a vocês que estão aqui desde a minha infância e que estão comigo até hoje, eu amo vocês: May, Alice, Mirielly, Ranielly, Viviane. A Adna e Allan que por muitas noites no companheirismo da volta no “busão” até a chegada em casa carregava minha filha nos braços. E as que o universo acadêmico me apresentou: Yasmim, Valeska e Emmyla, e por fim a você Ana Carla, ou melhor minha duplinha que tanto me ensinou para além da caminhada acadêmica.

Quero dedicar palavras de agradecimento ao meu orientador, que foi como uma luz no fim do túnel, tornando-se um guia precioso nessa caminhada acadêmica, amenizando meus medos e incerteza na construção deste trabalho. Sua orientação, com paciência, e leveza

admirável, tornaram todo o processo mais tranquilo, sendo extremamente importante para que eu chegasse até aqui.

À Banca Examinadora, que aceitou avaliar meu trabalho e esteve presente nesse momento tão importante e almejado por mim, sou imensamente grata. Agradeço pelo olhar crítico, pela sabedoria compartilhada e insights valiosos que tornarão meu trabalho ainda mais enriquecedor, sendo fonte de crescimento acadêmico nessa reta final.

Aos professores e à turma do amor como é conhecida a turma de pedagogia que fiz parte, em especial a vocês: Juliane e Bia com os quais compartilhei momentos com mais frequência. Suas atitudes de empatia, carinho e solidariedade jamais serão esquecidas. Lembro-me das vezes que me abrigou e das vezes que me ajudou com a minha filha. Por isso e ainda, por me auxiliar hoje nessa jornada importante que é este trabalho Bia, minha sincera gratidão.

Finalizo com profunda gratidão a mim mesma pela incrível jornada de construção do meu TCC, mesmo enfrentando os desafios da maternidade simultaneamente. Peço desculpas por me julgar tanto em não conseguir ser tão produtiva quanto gostaria em determinados momentos. Quero me perdoar por qualquer autossabotagem ao longo desse processo. Reconheço que há momentos em que as responsabilidades familiares e demandas pessoais se sobrepõem aos projetos acadêmicos. No entanto, cada passo dado em direção à conclusão deste trabalho foi e é uma vitória em si mesmo. Neste momento de gratidão, honro e parablenizo a minha força e dedicação. Agradeço por nunca desistir e por perseverar mesmo quando tudo parecia impossível. Sou grata pela oportunidade de crescer, aprender e me reinventar. Que essa jornada de autodescoberta e transformação nunca termine.

“Para uma mulher vencer na vida ela tem que se atirar. Se erra uma vez, tem que tentar outras cem. É justamente a nova geração a responsável por levar adiante a luta da mulher pela igualdade.”

Berta Lutz – bióloga, líder feminista e sufragista

RESUMO

O presente trabalho trata de uma pesquisa de conclusão de curso, cuja temática surgiu a partir de experiências pessoais vivenciadas no decorrer do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA no campus Angicos/RN. A escolha por essa temática para a produção deste trabalho baseou-se na condição materna de mulheres que estudam nessa universidade, no curso de Licenciatura em Pedagogia. Trata-se de um tema que necessita de uma maior visibilidade, algo percebido quando descobri que estava gestante no início da minha graduação, impulsionando-me para o desejo de me aprofundar na compreensão da experiência materna na universidade, a partir de olhares de outras mulheres que também se tornaram mães. Nesse sentido, a presente pesquisa teve como objetivo geral **compreender como se dá a experiência de ser mãe no contexto universitário, focalizando em sua inclusão, participação e permanência no curso de Pedagogia**. Quanto aos aspectos metodológicos, trata-se de um estudo de campo, tendo como abordagem as narrativas (auto)biográficas, utilizando como ferramenta metodológica as entrevistas presenciais. Para a realização da pesquisa, foram consideradas quatro licenciandas mães que passaram a vivenciar a maternidade após ingressarem no curso de Pedagogia, com idade entre 18 e 42 anos e com filhos na faixa etária entre 0 e 5 anos, e que no momento da pesquisa mantinham vínculo com a UFERSA - Campus Angicos. A realização dessa pesquisa me proporcionou, como mulher, estudante e mãe, a valorizar a maternidade sem romantizá-la. O material empírico produzido no encontro com as estudantes que se tornaram mães aponta que a inclusão, participação e permanência no curso não podem ser dissociadas; devem caminhar juntas para que as mulheres que enfrentam os desafios contemporâneos da maternidade e buscam aprimorar sua formação na universidade possam vivenciar essa dupla jornada de maneira igualitária, socialmente justa e respeitosa.

Palavras-chave: gênero; maternidade; Curso de Pedagogia; Política de Assistência Estudantil; Currículo.

ABSTRACT

The present work is a research where its theme emerged from experiences during the course of the Degree in Pedagogy at the Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA on the Angicos/RN campus. Furthermore, the fact that I discovered that I was pregnant at the beginning of my degree also contributed. The choice for this theme for the production of this work was based on the maternal condition of women who study at this university, in the Pedagogy Degree course, as it is a subject that needs greater visibility, it was in response to some of my situations and needs, some questions arose that I want to delve deeper into as I seek to understand from the perspective of other student mothers. The general objective of this research was to understand how the experience of being a mother occurs in the university context, focusing on her inclusion, participation and permanence in the Pedagogy course, where her methodology turned to a field study, taking as an approach the (auto)biographical narratives, using bibliographic and documentary survey tools, also fitting the qualitative format. To carry out the research, four undergraduate mothers were considered who began to experience motherhood after being enrolled in the Pedagogy course, aged between 18 and 42 years old, and with children aged between 0 and 5 years old, and who at the time of research maintained a link with UFERSA - Angicos campus. Carrying out this research allowed me, as a woman, student and mother, to value motherhood without romanticizing it. This research made me realize that we don't stop being women when we become mothers; We have the ability to occupy other roles and society's blaming, as well as the self-criticism we do for not being constantly present in our children's lives, needs to be eliminated. Making decisions that lead us to new paths does not make us less of a mother. Furthermore, the research also highlighted the need for education systems, particularly universities, to seek to better understand the individuals who frequent these spaces and meet their needs, so that they meet the institution's expectations.

Keywords: gender; maternity; Pedagogy; Student Assistance Policy; curriculum.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPOCS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
COAE	Coordenadoria de Assuntos Estudantis
CONSEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IES	Instituição de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PROAE	Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis
REUNI	Programa de Reestruturação e Expansão das Instituições Federais de Ensino
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Contexto das lutas feministas e maternidade no ensino superior	12
1.2 Sobre a escolha da temática	15
1.3 Sobre a construção da problemática de pesquisa	17
2 TORNEI-ME MÃE, E AGORA?: DESAFIOS NA RELAÇÃO MATERNIDADE-UNIVERSIDADE	20
3 O DESENHAR DA PESQUISA: ASPECTOS METODOLÓGICOS	29
3.1 Narrando a própria vida: a abordagem (auto)biográfica como metodologia de pesquisa científica	29
3.2 Sobre o campo de estudo: a Universidade Federal Rural do Semi-Árido	31
3.3 Estudantes mulheres que se tornaram mães: sobre os “sujeitos da pesquisa”	32
4 "PARA QUE OUÇAM NOSSAS VOZES": RELATOS DE ESTUDANTES QUE SE TORNARAM MÃES ACERCA DOS DESAFIOS, CONQUISTAS E RESISTÊNCIAS EM SUAS TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS	34
4.1 O que pode o sonho?	34
4.2 "Quem cuida de quem cuida?": os desafios da relação maternidade-universidade a partir dos eixos de inclusão, participação e permanência	37
4.3 “Participação limitada”, “restrição de horários” e “rede de apoio”: o que aproximam as experiências das estudantes que se tornaram mães	41
4.4 Quando o pai não é parte da rede de apoio: tensões entre maternidade e paternidade	47
4.5 Entre o “currículo formal” e o “currículo da maternidade”	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE A	65

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contexto das lutas feministas e maternidade no ensino superior

A luta feminista tem sido considerada um movimento político e teórico de grande relevância e impacto na sociedade contemporânea. Nesse sentido, a teórica Bell Hooks (2018, p. 1) define o feminismo como “um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão” e busca, por meio de sua luta, a igualdade de gênero, o empoderamento das mulheres e o reconhecimento dos direitos femininos em todos os âmbitos da vida. Nesse contexto, a maternidade surge como um tema complexo e multifacetado, repleto de desafios que as mulheres enfrentam ao exercerem esse papel social tão importante.

Nesse sentido, para Dagmar Meyer (2003),

ser mãe e amamentar até pode ser muito saudável, desejável e prazeroso para um grande número de mulheres e seus bebês, mas, acreditar nisso não nos autoriza a deixar de visibilizar e problematizar as poderosas redes de disciplinamento e de controle social que, em nome dessa crença, são produzidas e colocadas em circulação nessas pedagogias da maternidade (Meyer, 2003, p. 54).

Tais “pedagogias da maternidade”, de uma forma mais simplificada, se voltam para uma série de teorias, conhecimentos e práticas que vão sendo impostos às mães, ditando, de certa forma, sobre como essas mulheres devem cuidar dos filhos, sendo por muitas vezes instituídos sem considerar suas realidades (Meyer, 2003).

Ao longo da história, as mulheres têm sido socialmente condicionadas a assumirem o papel de mães e cuidadoras principais, muitas vezes em detrimento de suas próprias aspirações e realizações pessoais, partindo de discursos que “buscam convencer a mãe de que seus filhos precisam de sua atenção em tempo integral, fazendo com que as mulheres passem a acreditar que devem deixar seus empregos para se dedicar aos cuidados maternos” (César; Loures; Andrade, 2019, p. 60). A expectativa social de que as mulheres devem ser mães e dedicar-se integralmente aos cuidados dos filhos pode gerar pressões, estereótipos prejudiciais e limitações no campo profissional, como nos mostra, por exemplo, a pesquisa de Emídio e Castro (2021), acerca das mulheres que abandonam a carreira profissional para cuidarem dos seus filhos.

De acordo com Bell Hooks (2018), esse condicionamento é dado às mulheres diante de sua submissão ao domínio machista, presente em uma sociedade conservadora, majoritariamente enviesada em doutrinas cristãs, por exemplo, onde

[...] multidões de pessoas continuam acreditando que deus ordenou que mulheres fossem subordinadas aos homens no ambiente doméstico. Ainda que multidões de mulheres tenham entrado no mercado de trabalho, ainda que várias mulheres sejam chefes e arrimo de família, a noção de vida doméstica que ainda domina o imaginário da nação é a de que a lógica da dominação masculina está intacta, seja o homem presente em casa ou não (hooks; 2018, p. 2)

Além disso, a maternidade traz consigo uma série de desafios práticos, como a falta ou dificuldade de acesso às políticas voltadas aos direitos da maternidade adequadas, dificuldades na conciliação entre trabalho e família, a falta de infraestrutura e a própria estrutura psicológica para as atividades relacionadas ao cuidado infantil, entre outros obstáculos que afetam diretamente a vida das mulheres.

No entanto, é importante ressaltar que as mulheres têm se organizado e lutado para superar esses desafios. O movimento feminista tem sido fundamental na promoção de políticas públicas que garantam direitos maternos, como a ampliação da licença-maternidade remunerada, o acesso a creches públicas de qualidade e medidas que promovam a igualdade salarial e profissional entre homens e mulheres (Farah, 2004). Além disso, este movimento tem trabalhado para desconstruir estereótipos de gênero relacionados à maternidade, promovendo a ideia de que ser mãe não deve ser uma limitação para as mulheres alcançarem seus objetivos pessoais e profissionais e que os significados atrelados à maternidade não são "naturais" ou "preexistentes", mas sim produções discursivas construídas historicamente (Meyer, 2003).

Diante desse contexto, é fundamental refletir sobre os desafios enfrentados pelas mulheres na maternidade e apoiar iniciativas que visem a equidade de gênero, a valorização da maternidade como uma escolha individual e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todas as mulheres.

Tendo em vista tantos desafios, destaco a maternidade no ensino superior, que é um tema que merece muita atenção e reflexão. Muitas mulheres enfrentam desafios também ao conciliar os papéis de estudante e mãe, lidando com questões como a falta de políticas públicas e estruturas de apoio adequadas. Para Urpia e Sampaio (2009),

[...] a entrada das mulheres nas universidades e no mercado de trabalho necessariamente não as tem desobrigado do cuidado da casa e dos filhos, pois ainda se mantém, entre os casais, a tradicional divisão sexual do trabalho, ainda que sejam observadas algumas mudanças, especialmente entre os mais jovens. Por estes motivos, muitas delas preferem optar por jornadas parciais, flexibilização de horários e freqüentes interrupções na vida profissional e/ou acadêmica. O problema é que a interrupção temporária da carreira para o cuidado de filhos pequenos significa uma desaceleração das atividades, e o retorno, em geral, acontece com dificuldades, seja quando a mulher se encontra na condição de profissional ou na condição de estudante universitária (Urpia; Sampaio, 2009, p. 31).

A maternidade tem impacto significativo na vida acadêmica das estudantes mulheres. De acordo com Santos, Martins e Justi (2020, p. 3), “o significado de ser mãe e o laço maternal de proteção tomam o tempo da mãe, o que faz surgir a necessidade de priorizar o filho, pois a criança necessita do contato constante materno.”

As responsabilidades de cuidar de um filho, além das demandas acadêmicas, podem gerar estresse, cansaço e dificuldades na gestão do tempo. A falta de flexibilidade nas políticas acadêmicas, como prazos rígidos e pouca compreensão das necessidades maternas, pode tornar ainda mais desafiador o percurso acadêmico. Ainda, a maternidade pode afetar a participação em atividades extracurriculares, como projetos de pesquisa e eventos acadêmicos, prejudicando o desenvolvimento profissional das mulheres.

Considerando a fala de Urpia e Sampaio (2009, p. 31), as autoras refletem que “abrir as portas da educação superior para as mulheres não é o bastante para assegurar igualdade de oportunidades para a carreira daquelas mulheres que fazem a escolha de tornarem-se mães”. Logo, torna-se fundamental que as instituições de ensino superior implementem políticas inclusivas e apoio específico para estudantes mães. Isso pode incluir a oferta de creches ou espaços para amamentação no campus, flexibilidade nos prazos de entrega de trabalhos e provas, opções de horários alternativos para as aulas e assistência financeira adicional.

Além disso, é importante combater o estigma social em relação às mães estudantes, promovendo uma cultura inclusiva que valorize a diversidade de experiências e reconheça a importância da maternidade na formação acadêmica.

Considerando as palavras de Santos, Martins e Justi (2020, p. 3), “as discentes que se tornam mães na trajetória universitária, interrompida ou não, enfrentam obstáculos relativos à complexidade do ambiente acadêmico e dos cuidados maternos indispensáveis aos filhos”, reflete-se que as mulheres que são mães e estão cursando o ensino superior merecem todo o apoio necessário para que possam conciliar suas responsabilidades maternas com seus objetivos educacionais e profissionais.

Somente através de políticas inclusivas e um ambiente acadêmico acolhedor será possível garantir que todas as mulheres tenham igualdade de oportunidades no ensino superior, independentemente de sua escolha de serem ou não mães.

1.2 Sobre a escolha da temática

Partindo da perspectiva de formação *versus* maternidade, o tema da presente pesquisa surgiu a partir de experiências vivenciadas no decorrer do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA no campus Angicos/RN. Vivências essas que acabaram gerando algumas inquietações para mim, enquanto pedagoga em formação. Além disso, também contribuiu o fato de descobrir que me encontrava gestante no início da graduação. Ou seja, dois caminhos distintos, e totalmente novos, para uma garota que saía da sua adolescência para sua fase adulta.

Como discente, e principalmente agora como mãe, observo que existe uma mudança no papel social da mulher nas últimas décadas. Consequentemente, as funções das mulheres que se tornam mães vêm se estendendo, sendo uma dessas funções conciliar a vida materna e acadêmica, que está longe de ser uma tarefa fácil, mas é um desafio que deve ser superado, visto que a inclusão dessas mulheres no mundo acadêmico não se restringe apenas ao acesso, mas também a sua permanência.

A escolha por essa temática para a produção deste trabalho baseou-se na condição materna de mulheres que estudam na Universidade Federal Rural do Semi-Árido do campus Angicos/RN, no curso de Licenciatura em Pedagogia. Considero que é um assunto que necessita de uma maior visibilidade, merecendo ser mais estudado, principalmente dentro das próprias universidades para que assim seja possível compreender as particularidades e dar a devida assistência para a inclusão desse público.

A Assistência Estudantil busca minimizar os efeitos das desigualdades sociais com propósito de garantir a permanência daqueles estudantes da baixa renda, oferecendo moradia, alimentação, saúde, auxílios para creches, transporte, esporte, inclusão digital dentre outros,¹

¹ A COAE é responsável por coordenar, executar, avaliar e acompanhar as ações de assistência aos estudantes no campus Angicos. Isso inclui serviços como Moradia Estudantil, Restaurante Universitário, bolsas e auxílios financeiros, bem como atendimento psicossocial, ou seja, a principal responsabilidade da COAE é aplicar as políticas institucionais de cada Pró-Reitoria em sua área de atuação, seguindo as normativas da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE). (COAE. 2023. Disponível em: <https://coaeangicos.ufersa.edu.br/sobre-a-coae-coordenacao-de-assuntos-estudantis/>. Acesso em 04/09/2023).

onde é preciso passar por uma seleção e corresponder a alguns critérios para receber esses benefícios.

Contudo, diante da minha vivência como estudante de uma universidade federal e mãe, gostaria de ter tido um apoio maior e por várias vezes me questionei se eu poderia permanecer naquele ambiente. A assistência foi inegavelmente de suma importância, mas, foi diante de algumas situações e necessidades minhas, que surgiram algumas interrogações que desejo me aprofundar ao buscar compreender com o olhar de outras mães estudantes. Logo, trata-se de uma pesquisa que faz jus ao slogan feminista "o pessoal é político" e que evidencia a urgência de se revisar a dicotomia público/privado na contemporaneidade, sobretudo em espaços como a universidade (Okin, 2008).

No que se refere aos programas de incentivo à permanência, muitas universidades vêm buscando atender as particularidades dos discentes que compõem a instituição, mas ainda são insuficientes quando o assunto é mães estudantes na graduação. Um espaço que é o de transformação social, mas que às vezes esquece de utilizar dessa sua potencialidade e trata essas mães como se não tivessem filhos. Sendo importante frisar que quando o ambiente não permite um acolhimento e cuidado, não se exclui apenas a criança, mas também essa mãe que busca sua autonomia e uma melhora de vida ao sair com seu diploma em mãos.

Conciliar a maternidade em um contexto acadêmico não é uma tarefa fácil. É necessário muitas vezes abdicar de algumas oportunidades que a academia oferece e que poderiam enriquecer o currículo profissional. Porém, são oportunidades que se tornam impossíveis de serem realizadas, sobretudo quando somos mulheres negras e mães solteiras, pois, como afirma Finamori (2019),

se ser mãe e aluna (ou mesmo pai e aluno), em si, já é uma experiência descrita como desafiante, estar nesta condição e, ao mesmo tempo, vivenciar a maternidade em condições sociais economicamente desfavoráveis ou sendo jovem ou sendo uma mulher negra ou na condição de monoparentalidade ou, ainda, na confluência destas experiências sociais, raciais ou de geração eleva os percalços enfrentados a outros patamares (Finamori, 2019, p. 4).

Nesse sentido, conforme nos argumenta Bell Hooks (1995, p. 471), mulheres negras que se tornam mãe solo "muitas vezes têm de lutar com obstáculos materiais que não lhes permitem concentrar-se intensamente para pensar e escrever mesmo que o desejem", o que certamente impacta em sua produção acadêmica.

Minha participação na universidade, por exemplo, foi limitada pelas minhas particularidades enquanto mãe. O desejo de experienciar o ambiente universitário em sua

totalidade já não parecia ser tão possível. Isso porque, um dos maiores desafios era o de não ter com quem deixar minha filha para ir estudar com um pouco mais de tranquilidade. Afinal, não existe creche ativa no horário noturno (turno no qual o curso de licenciatura em Pedagogia da UFERSA realiza suas atividades acadêmicas), precisando assim, levar a criança às aulas, como também eventos que fogem do nosso controle, como o adoecimento da criança, entre outros.

Já no que se diz respeito à participação em pesquisa e extensão, que é no contraturno das atividades de ensino, também tive dificuldades. Minha participação nesses pilares da universidade tornava-se inviável seja porque a instituição não oferece suporte adequado, além do auxílio creche, nesse caso estamos falando na falta de espaço e até bolsistas para atender esse público, ou até mesmo por questão de localidade, como era meu caso, que tinha que sair todos os dias de outro município, sendo que não há transporte disponível durante o período diurno.

Diante disso, penso ser importante produzir um trabalho que dialogue com aspectos tão profundos e subjetivos em minha vida, sobre um tema que fez e faz parte das minhas vivências, com o intuito de mostrar os desafios que muitas mulheres que se tornam mães podem enfrentar no contexto universitário. Creio que este trabalho contribuirá para um olhar mais sensível das instituições de ensino a tantas outras mulheres mães e universitárias que entram nessa dupla jornada em busca de um futuro melhor.

1.3 Sobre a construção da problemática de pesquisa

Historicamente nós, mulheres, fomos segregadas de importantes espaços sociais, concentradas em trabalhos específicos dos quais remetem a exercícios de cuidado. Por mais que na atualidade o nosso papel venha sendo modificado ao longo do tempo, como ressalta Menezes et al. (2012, p. 25), “os valores e práticas experienciados por elas mudaram. Hoje a mulher consegue gradativamente maior inserção social,[...]”. No entanto, nos deparamos em uma sociedade enraizada em uma cultura de discriminação de gênero.

Embora tenha ocorrido conquistas a partir da luta dos movimentos feministas e da criação e implementação de políticas voltadas para o ingresso no mercado de trabalho e na educação superior, a discriminação ainda continua afetando muito na vida de nós mulheres. Um bom exemplo que se faz presente atualmente é a disparidade salarial entre homens e mulheres, por isso a necessidade de políticas públicas voltadas para as mulheres, como também a mudança na cultura.

Esse percurso torna-se mais desafiador quando nossos direitos são negligenciados e esquecidos, e principalmente quando não somos vistas como um grupo social em desvantagem no que se refere a permanência e o desempenho, enquanto mães. As adversidades vivenciadas por mim durante os cinco anos de trajetória universitária e carregando comigo ao mesmo tempo o papel social da maternidade, me despertou o desejo de compreender a experiência de se tornar mãe em um ambiente universitário.

Alguns questionamentos mobilizaram o processo de escolha temática e problematização da investigação, tais como: essas estudantes que se tornaram mães estavam sendo assistidas de forma que atendessem realmente suas necessidades para a efetiva participação nos três eixos que compõem a universidade - Ensino, Pesquisa e Extensão? O auxílio creche disponibilizado pela instituição era suficiente para que essas mães deixassem seus filhos e viessem até a universidade, garantido assim sua permanência? Se houvesse ambientes na universidade para os filhos dessas mulheres, seria mais fácil sua inclusão e a sua permanência no curso?

Com o desejo de chegar a tais respostas, o objetivo geral do presente trabalho é o de **compreender como se dá a experiência de se tornar mãe no contexto universitário, focalizando em sua inclusão, participação e permanência no curso de Pedagogia.** Além disso, outros objetivos específicos foram pensados, sendo eles: i) **investigar como se deu o processo de inclusão dessas mulheres no contexto universitário;** ii) **analisar a participação das mães discentes em atividades de ensino, pesquisa e extensão;** iii) **compreender as dificuldades e as formas de resistência vivenciadas pelas mulheres mães na permanência e conclusão do curso.**

Para a sistematização do material produzido na presente pesquisa, o trabalho está dividido em cinco capítulos, incluindo esta Introdução. No próximo capítulo, intitulado **“Tornei-me mãe, e agora?: desafios na relação maternidade-universidade”**, desenvolvo meu referencial teórico a partir dos estudos feministas e de gênero, em diálogo com minhas experiências enquanto estudante que se tornou mãe. Em seguida, com o capítulo intitulado **“O desenhar da pesquisa: aspectos metodológicos”**, detalhei a abordagem autobiográfica utilizada para captar as vozes de mulheres-mães-universitárias, apresentando o contexto do campo de pesquisa na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e delineando o perfil dos sujeitos envolvidos. No quarto capítulo intitulado **“Para que ouçam nossas vozes: relatos de estudantes que se tornaram mães acerca dos desafios, conquistas e resistências em suas trajetórias acadêmicas”**, destaquei as análises do material empírico, enfatizando as

falas das estudantes. Elas compartilharam suas perspectivas, desafios e inseguranças ao tentar conciliar maternidade e estudos universitários, abordando dificuldades como a falta de apoio, sobrecarga pós-nascimento dos filhos, ausência de apoio paterno e dificuldades em acompanhar o currículo formal da universidade. No quinto e último capítulo intitulado **“Considerações”**, abordei as dificuldades enfrentadas por estudantes mães no ambiente universitário com base em minhas experiências e nos relatos das entrevistadas. Destaquei a necessidade de suporte institucional para garantir a inclusão e permanência dessas mães, sugerindo melhorias na infraestrutura e programas de assistência para promover igualdade de oportunidades e eliminar a culpabilização social em relação às escolhas das mães.

2 TORNEI-ME MÃE, E AGORA?: DESAFIOS NA RELAÇÃO MATERNIDADE-UNIVERSIDADE

Antes de iniciar um diálogo a respeito da relação maternidade-universidade, devemos lembrar que o acesso das mulheres ao ensino superior no Brasil foi e continua sendo uma questão de luta, considerando o cenário de desigualdade social e de gênero. Tratam-se de desigualdades que se fazem ainda presentes na sociedade, contribuindo para tornar essa luta uma realidade constante.

Antoniuzzi (2021) destaca que o gênero é uma forma particular de posicionamento social, com efeitos concretos sobre o ambiente em que as pessoas agem e reproduzem relações de poder e privilégio. Além disso, a autora ressalta que o gênero é um fator determinante nas relações sociais e de poder, impactando diretamente a forma como as pessoas vivenciam diferentes contextos, incluindo a maternidade no ambiente universitário (Antoniuzzi, 2021).

Para Santos, Martins e Justi (2020), o acesso ao conhecimento é uma das principais formas que algumas mulheres encontram para empoderar-se e conseguir liberdade em diversos aspectos, levando em conta que vivemos em uma sociedade machista. Nesse sentido, Menezes et al. (2012, p. 26) argumentam que “a mulher da atualidade parece querer abraçar o mundo, estando cheia de obrigações e muitas das vezes cobrando de si mesma a perfeição”. Essa cobrança ocorre devido a realidade que muitas mulheres enfrentavam - e ainda enfrentam - diante do histórico de silenciamento e retirada de direitos, descaso com a profissão, mas também o não reconhecimento sobre aquilo que nós mulheres fazemos, igualmente fazem os homens. A ideia de que eles fazem o mesmo trabalho melhor do que nós.

Ainda dentro de seus estudos, Menezes et al. (2012, p. 29) trazem resultados da busca pelos direitos das mulheres ao ingresso no ensino superior, dando destaque para o ano de 2006, no qual houve um dos maiores índices de ingressos em cursos de graduação, sendo contabilizadas 412.584 mulheres ingressantes na faixa etária entre 19 e 24 anos e 157.068 ingressantes entre a faixa dos 25 e 29 anos. Os autores tomaram como base os dados do informativo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP de número 127 de fevereiro do referido ano.

Esses dados nos mostram que, mesmo que venha sendo aos poucos, estamos conseguindo ocupar nosso lugar de igualdade na sociedade, mas isso ainda não é o suficiente. De acordo com Soares et al. (2017, p. 286), “o ingresso das mulheres em universidades e no

mercado de trabalho não as isentou, necessariamente, do cuidado da casa e dos filhos e muitas vêm assumindo o papel de chefes de família”. Diante disso, considera-se que ainda existem inúmeras conquistas a serem alcançadas e uma delas se dá na garantia de permanência de discentes mães na universidade. Nesse sentido, a escolha por esse objeto de estudo permeia uma dimensão da urgência demonstrada pelos indicadores citados, como também é um desejo pessoal de uma estudante que se tornou mãe durante a trajetória acadêmica.

Além da busca pela igualdade de direitos, a mulher busca por meio do ingresso na universidade uma melhoria em seu futuro, visto que muitos casos advêm de um cenário social onde não há qualidade de vida. Conforme argumentam Menezes et al. (2012, p. 36), “as expectativas de melhora da renda familiar e de uma mudança de vida após a conclusão do curso universitário funcionam como motivadores ao ingresso e continuidade no curso aliado também ao fato de que a faculdade é vista, em alguns casos, como sonho a ser realizado”.

Como mulher negra, pude vivenciar alguns desafios que estavam presentes muito antes do ingresso na graduação e de assumir o papel de mãe. Refiro-me ao racismo, que fora enfrentado desde o colegial. Um exemplo dessa situação foi o momento em que um garoto disse, com tom de brincadeira, “não vou ficar perto dessa ‘neguinha’”. Mesmo naquele momento, eu entendendo que era algo ruim pois me sentia constrangida ao ponto de não querer ser vista pelo garoto, não compreendia a dimensão do racismo, nem sequer que poderia ser um elemento poderoso para desistência de várias crianças e adolescentes. Outro fator vivenciado eram os olhares que denunciavam o preconceito daqueles que não acreditavam que chegaria ao ambiente universitário. Era necessário enfrentar e não se acomodar ao que era posto por uma sociedade onde,

[...] a cultura do dominador tentou alimentar o medo dentro de nós, tentou nos fazer escolher a segurança em vez do risco, a semelhança em vez da diversidade. Deslocar-se nesse medo, descobrir o que nos conecta, nos divertir com nossas diferenças; esse é o processo que nos aproxima, que nos oferece um mundo de valores compartilhados, de uma comunidade significativa (Hooks, 2021, p. 293).

Conseguí me encontrar enquanto estudante, a partir da minha relação com outras pessoas que passaram pelo mesmo processo, impondo minha voz ao decidir permanecer buscando meus sonhos e lutando contra as baixas expectativas que a sociedade restringe e limita a pessoas como eu. Afinal, como afirma Paulo Freire (1987, p. 19) “(...) é fundamental, então, que, ao reconhecerem o limite que a realidade opressora lhes impõe, [os oprimidos] tenham, neste reconhecimento, o motor de sua ação libertadora”. Diante disso, compreendi

que, ao me encontrar comigo mesma e seguir na contramão da sociedade, estava reclamando a minha "posição de sujeito", como dizia Freire, na qual Hooks (2020b, p. 83) lembra que

em uma conversa com Paulo Freire, há mais de trinta anos, eu o ouvi afirmar enfaticamente que “não podemos entrar na luta como objetos para depois nos tornamos sujeitos”. Essa afirmação ressoou em mim. Ela afirmou a importância de eu me encontrar e ter uma voz. Falar, ser capaz de nomear, era uma forma de reclamar para si a posição de sujeito.

É notável que nem todas têm a mesma sorte que tive, pois além da minha determinação e posicionamento, um de tantos outros fatores que tornou possível essa realização foi uma rede de apoio familiar que me deu total incentivo e auxílio financeiro, mesmo com tão pouco, para não precisar sair para trabalhar e desistir, dando prioridade ao que era importante para mim: não interromper os estudos no ensino médio e entrar na universidade.

Partindo para uma discussão voltada para a relação maternidade-universidade e considerando que o que me motivou a desenvolver esse trabalho foi o meu encontro com a maternidade diante da descoberta da gestação ao ingressar na graduação, compartilho um pouco das minhas impressões por meio das falas de Santos, Martins e Justi (2020, p. 3), quando afirmam que

a discente que se torna mãe durante o processo de formação inicial enfrenta amplos desafios e se depara com barreiras que iniciam na gravidez e intensificam após o nascimento do bebê. Quase sempre o aproveitamento das disciplinas fica comprometido e seu rendimento fica abaixo do exigido pela academia, por tentar conciliar o cuidar de si, do filho e lidar com as preocupações da vida acadêmica.

Ao descobrir que estava gestante, surgiu um misto de sensações: o medo de não conseguir conciliar a maternidade e continuar na universidade era o que me dominava, não era algo desejável e esperado, de início o pensamento que se sobressaía era o de que eu não daria conta de ser mãe.

Foram surgindo outros questionamentos e dúvidas ao longo desse período, uma delas era como seria a vida após o nascimento dessa criança. Surgiria uma nova realidade ao qual demandaria de mim responsabilidades que até então desconhecia. Os cuidados e preocupações que eram voltados para mim enquanto filha e neta, agora seriam tomados por mim enquanto mãe.

Além desses fatores, ainda tinha a questão financeira. Como seria possível dar a assistência necessária para essa criança, se até então eu não trabalhava, com o intuito de

priorizar os estudos? Para agravar, ainda era sustentada pela minha bisavó. Ela que foi minha maior incentivadora em relação à educação. Falas como "*posso não ter nada, mas pelo seus estudos, faço tudo*" foram motivadoras para permanecer durante esses cinco anos na universidade. Tudo que estava ao alcance proporcionou e por isso segui firme em prol do meu sonho, mesmo imersa a tantos desafios. Sob a ótica de Santos, Martins, Justin (2020, p. 4),

[...] a discente que vivencia a maternidade durante o processo de formação inicial gera sentimentos conflituosos perante as demandas acadêmicas, o que acarreta, em algumas mulheres, o desânimo em prosseguir os estudos pelo cansaço das atividades de ser mãe, principalmente quando ela experimenta a maternidade pela primeira vez (Santos, Martins, Justi, 2020, p. 4).

Durante o percurso da minha formação me deparei com alguns obstáculos. Foram momentos angustiantes - idas e vindas em um ônibus lotado de uma cidade a outra, com enjoos e vômitos logo em seguida; choros em silêncio para não me julgarem; idas aos hospitais assim que chegava no campus; falta de apetite... Houve até um momento em que me afastei de todos, inclusive daqueles que eram próximos, com receio de estar incomodando. Também houve momentos que deixei de ir às aulas e encontros para realização de trabalhos em grupos de tanto cansaço, que em alguns momentos foram interpretados como preguiça.

Ou seja, minha ausência por muito tempo foi vista como *desinteresse*. Além disso, tal ausência me impossibilitou de estar em uma parte considerável das atividades realizadas no campus, como participação em grupo de pesquisa, apresentação de trabalhos em eventos, congressos, entre outros. Não tive como experienciar por completo tudo aquilo que a universidade oferece aos discentes. Nesses momentos, o desejo de desistir do curso surgiu. Mas um dos maiores estímulos que me fizeram continuar era lembrar e sentir orgulho de ser a pioneira da família a estar inserida nesse mundo universitário, que até então era visto como inalcançável. Tais dificuldades, como nos mostram Santos, Martins e Justi (2020), são resultantes do processo vivenciado durante a gestação e após o nascimento do bebê, as quais passam a interferir no desenvolvimento das atividades, podendo prejudicar o processo de aprendizado na universidade.

Na esteira dessa discussão, Urpia e Sampaio (2009, p. 31) consideram que, no momento que a mulher interrompe a sua carreira profissional ou acadêmica para dedicar-se aos cuidados com os filhos, mesmo que seja de forma temporária, ocorre uma desaceleração das atividades, gerando dificuldades no momento de retorno. Em alguns casos, esse retorno se

torna impossível se essa mulher não tiver uma rede de apoio. O desafio se torna ainda maior no foco desta pesquisa, isto é,

no caso da jovem que é universitária e que não planejou tornar-se mãe naquele período de sua vida, as interrogações e apreensões parecem muitas; afinal, toda a sua rotina irá mudar a partir daquele momento. Elas só não sabem qual será a dimensão dessa mudança e que repercussões terá em seus projetos de formação, um dos motivos dos conflitos intrapsicológicos que vivenciam (Urpia e Sampaio 2009, p. 34).

Uma gestação não planejada acaba gerando muita inquietação na estudante que se encontra grávida, pois sua vida muda de uma hora para outra, passando a assumir mais uma responsabilidade. Para seguir com os estudos, é primordial que a discente mãe tenha consigo uma rede de apoio. O apoio dos familiares nesse momento é um fator de grande contribuição para que se possa dar continuidade aos estudos sem a preocupação de se encontrar em um impasse, levando em consideração que “ser mãe para muitas mulheres pode ser a realização de um sonho, mas para algumas é uma missão complexa ou até indesejável” (Santos, Martins, Justi, 2020, p. 4).

Além do apoio familiar, é necessário que essa mãe seja amparada socialmente, por meio de programas de Assistência Social, certificando-se que seus direitos, juntamente com os da criança, estejam assegurados. Entre as legislações voltadas para o Programa de Assistência Estudantil, destaca-se o Projeto de Lei n. 2.350, de 14 de julho de 2015 - que altera a Lei n. 6.202, de 17 de abril de 1975. Tal Projeto de Lei visa assegurar às estudantes que se encontram na condição de puérperas e lactantes o ensino por meio do regime domiciliar, como garantia de direitos presentes na legislação educacional.

Para seguir com as atividades acadêmicas, a discente também deve se sentir segura dentro do espaço acadêmico. Em muitos casos, assim como o meu, algumas estudantes mães contam uma rede de apoio dentro de sala de aula, recebendo ajuda de colegas e até mesmo de professores em momentos nos quais é preciso levar o filho para a aula. Infelizmente, apenas a rede de apoio não é o suficiente para que discentes mães realizem suas atividades acadêmicas com “total” segurança, considerando que “a responsabilidade como mãe é prioridade, a ponto de sair no meio das aulas para atender as necessidades da criança” (Santos, Martins, Justi, 2020, p. 11). Não é de se estranhar tal expectativa, uma vez que embora desempenhem outros papéis sociais, as mulheres “continuam sendo responsabilizadas pelo cuidado e educação dos filhos e todos os problemas vivenciados por crianças e jovens na contemporaneidade, são

explicados, entre outras coisas, por vínculos inadequados entre mãe e filho" (Meyer, 2003, p. 50).

A instituição da qual essas estudantes fazem parte deve estar ciente das dificuldades por elas enfrentadas para evitar uma possível evasão, por meio da oferta de programas promovidos pela Assistência Estudantil, que garantam um ambiente adequado para receber as crianças durante as atividades da mãe, como uma creche ou uma brinquedoteca. Conforme Gaspary (2019) argumenta,

a falta de estratégias e de ações voltadas para a permanência de mulheres com filhos pequenos na Universidade incide diretamente na vida pessoal e acadêmica das mesmas, tendo que se haver com as questões institucionais, muitas vezes não tendo com quem deixar os filhos ou não conseguindo dar conta das demandas acadêmicas, que não são pensadas para mulheres que são mães. Essa é uma violência que ocorre de maneira muito sutil, visto que as mulheres não são ativamente impedidas de ocupar os espaços da Universidade, mas que os espaços não são pensados para elas (Gaspary, 2019, p. 19).

Dentro de uma discussão voltada para o atendimento das mães discentes pela Assistência Estudantil das IES, temos a *creche* como uma das garantias de apoio para que essas mães possam continuar a desenvolver suas atividades acadêmicas. Diante dessa discussão, Urpia e Sampaio (2009, p. 39) refletem que, “embora a creche seja um espaço de importância fundamental na vida dessas mulheres e crianças, dando suporte estrutural e, inúmeras vezes, emocional para essas jovens mães, esse espaço ainda tem pouca visibilidade na universidade”.

Uma década depois, a discussão a respeito da problemática das creches universitárias continua sendo uma pauta abordada nos estudos sobre as relações que se estabelecem entre a maternidade e a vida acadêmica de estudantes mulheres. Gaspary (2019, p. 20) considera que a creche permite não apenas o benefício às crianças no desenvolvimento, como também não propicia apoio às mulheres mães estudantes e “trabalhadoras da Universidade nos seus campos de atuação dentro dessa”.

Considerando que mesmo com os benefícios,

[...] apenas o acesso à creche muitas vezes não é suficiente para a inserção e permanência das mulheres que são mães nas Universidades. É também necessário o desenvolvimento não apenas de políticas voltadas para essas mulheres, mas também de práticas coletivas que facilitem a ocupação dos espaços por mães, como espaço kids em congressos e assembleias estudantis e demais práticas que reforcem que a Universidade também é lugar de mães de filhos pequenos (Gaspary, 2019, p. 20).

Levar os filhos para uma instituição que não dispõe de uma creche – que, conforme veremos no capítulo analítico, é um dos principais pontos de críticas evidenciado pelas estudantes que se tornaram mães –, se torna um desafio ainda maior, pois mesmo com o apoio de colegas e professores durante as aulas, haverá momentos que apenas esse apoio não irá suprir sua necessidade, atrapalhando o seu desempenho em ambas as funções. Afinal, “excluir a criança dos espaços acadêmicos é, automaticamente, excluir a mãe estudante” (Vicente, 2017, n.p).

Além do investimento na implementação, ampliação e melhoria das creches universitárias, Urpia e Sampaio (2009) sugerem:

[...]que sejam implementados os seguintes mecanismos de apoio às estudantes-mães: o incentivo aos processos de retomada dos estudos após o nascimento de seus filhos, através, por exemplo, de uma oferta de horários que lhes permitam amamentar e cursar os componentes curriculares sem necessidade de trancamentos; a possibilidade de negociação de horários mais flexíveis no período em que as estudantes-mães fazem a inserção de suas crianças na creche; entrega posterior de material de estudo combinado com o(a) professor(a), de modo a justificar faltas, evitando reprovação, no caso de a criança precisar se ausentar da creche por motivo de saúde; além da possibilidade de a jovem com gravidez de risco finalizar o semestre com atividades domiciliares, mesmo não sendo os três últimos meses da gravidez, evitando o trancamento do semestre e até o abandono do curso, quando for confirmado, por laudo médico, o problema de saúde da estudante-gestante (Urpia, Sampaio, 2009, p. 39).

O meu processo de afastamento das atividades presenciais, durante a graduação em Pedagogia, foi de fato bem complexo. No início, o primeiro choque foi a retirada do auxílio didático² que recebia para compra de materiais e até utilizados para impressão de textos, pois com a licença maternidade, foi justificado que não era possível mantê-lo concomitantemente. Outro ponto a se destacar é em relação às atividades e avaliações que eram propostas sem explicação prévia, apenas enviadas por e-mail e dado um prazo de entrega. Como minha gestação ocorreu enquanto eu estava me encaminhando para o 3º período do curso, momento introdutório à vida universitária e de compreensão das nuances do ambiente acadêmico, assimilar o que os autores abordavam nos textos durante as leituras era dificultoso e isso resultava em uma notável dificuldade de aprendizagem e, conseqüentemente, nas notas, o que poderia me prejudicar em termos de permanência no curso.

² Consiste em subvenção financeira, com o objetivo possibilitar a participação do discente em cursos complementares à formação acadêmica, aquisição de materiais e outros recursos didáticos indispensáveis ao acompanhamento dos componentes curriculares dos cursos de graduação. (Disponível em: <https://angicos.ufersa.edu.br/programa-institucional-de-assistencia-estudantilbolsasbeneficios/>. Acesso em 16/09/2023)

Voltando para a discussão presente nos estudos de Santos, Martins e Justi (2020), a respeito do acolhimento da estudante mãe pela instituição, os autores fazem a seguinte reflexão:

estar na universidade significa estar aberto para grandes mudanças que irão contribuir para a formação, mas no momento em que a mulher se torna mãe há uma pausa, e então começa um novo ciclo em que ela tenta conciliar as necessidades impostas pela maternidade e pelas regras para estar inserida no ambiente universitário. Nesse sentido, a rotina de estudante entra em conflito com as atividades de ser mãe e começa uma adaptação rigorosa na vida da estudante. Por isso, a instituição deve compreender e acolhê-la criando estrutura e efetivando as políticas de assistência para oferecer suporte e para que não interrompa os estudos. A instituição deve proporcionar o acesso à informação sobre o direito às políticas de assistência à maternidade, pois muitas acadêmicas mães afirmam desconhecê-las (Santos, Martins, Justi, 2020, p. 15).

É muito importante que a partir do seu ingresso na graduação, e, principalmente, após a descoberta da gestação, a estudante mãe busque conhecer acerca dos benefícios ofertados pela instituição na qual estuda e vá em busca da garantia dos mesmos.

Na trajetória da tentativa de conciliar maternidade e graduação, um ponto que não deve ser deixado de lado é a respeito de como se encontra o emocional dessa estudante diante da dimensão dessa mudança. Menezes et. al (2012) observam que:

ao estudarmos a maternidade e a vida acadêmica, verificamos uma realidade que se revelou de forma perversa à subjetividade da mulher, que se encontra num dilema entre sua satisfação pessoal e busca por melhores condições socioeconômicas – ideologia vigente – e o papel que entendemos aqui como sendo social e histórico, de cuidado e doação à família, atribuído a ela. A mulher atual vê-se encurralada entre aspectos de sua subjetividade, entendida aqui como construída social e historicamente, em que vemos fortes oposições entre necessidade de realização pessoal, aquilo que é socialmente aceito ou adequado e a crescente necessidade de formação acadêmica. (Menezes, et. al, 2012, p. 42).

Deve-se considerar que na maioria dos casos, por tentar dar conta das atividades maternas e acadêmicas, a discente mãe acaba perdendo o tempo de cuidar de si. Por isso, é muito importante que além de todo um suporte estrutural, seja ofertado também o acompanhamento profissional para auxiliar essa estudante no seu processo psicológico, para que sejam evitados casos de adoecimento emocional e como decorrência, o abandono dos estudos ou até algo de maior gravidade.

Considerando as palavras de Uripia e Sampaio (2020, p. 34) de que “jovens mulheres, especialmente as mães de primeiro filho, vivenciam cotidianamente essa luta entre as vozes coletivas que idealizam a maternidade e suas experiências concretas no processo de tornar-se

mãe”, tal pesquisa foi realizada a partir das falas de algumas discentes que se tornaram mães do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRSA - Campus Angicos, destacando as suas vivências durante o processo de formação, suas dificuldades e experiências de conciliação de carreira e maternidade, focalizando nas dimensões de inclusão, participação e permanência.

3 O DESENHAR DA PESQUISA: ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 Narrando a própria vida: a abordagem (auto)biográfica como metodologia de pesquisa científica

A presente pesquisa se instala no campo das *narrativas (auto)biográficas*, uma perspectiva metodológica que se volta para “a ação de narrar a própria vida” (Passeggi, 2016, p. 303) ou de registrar as narrativas de outras pessoas - por isso a importância da grafia *(auto)biográfica*, com os parênteses. Nesse sentido, as narrativas (auto)biográficas se constituem, conforme nos lembram Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016), tanto como *fonte* como *método* de pesquisa qualitativa em Educação.

Mas o que podemos entender por "*narrativas*"? Segundo Marques e Satriano (2017, p. 372), “as narrativas são formas orais ou escritas de contar uma história”; é como abrir as páginas de um diário pessoal, que nos revela momentos de triunfo e adversidade, risos e lágrimas. Como evidencia Maknamara (2016, p. 503), por "*narrativas*" também podemos entender "versões da realidade cuja aceitabilidade é regulada em termos de sua verossimilhança, não fazendo sentido qualificá-las como falsas ou verdadeiras". Por isso há, conforme nos mostra Abrahão (2012, p. 83), um *intercâmbio* necessário entre o/a pesquisador/a e a pessoa entrevistada. Além disso, a partir das narrativas há a possibilidade de "(re)elaborar questões internas e fortalecer a autoria e a autonomia" (Marques e Satriano, 2017, p. 369). Para Passeggi (2016, p. 306), as narrativas (auto)biográficas “são aquelas em que o narrador ou a narradora elabora a sua própria história e nela se projeta, ao mesmo tempo, como personagem e autor ou autora da reflexão conduzida”. Em síntese, trata-se de um recurso que se inscreve na ideia de que, "ao narrarmos episódios com significado, os analisaremos de uma forma contextualizada, tentando que essa análise ponha em evidência emoções, experiências ou pequenos fatos marcantes, dos quais antes não nos tínhamos apercebido" (De Freitas, Galvão, 2007, p.220).

Uma autobiografia é muito mais do que uma simples narrativa cronológica dos eventos da vida de alguém. É uma jornada de auto exploração, onde a escrita se torna uma ferramenta poderosa para refletir sobre os diferentes episódios da vida. Por meio dessa abordagem, podemos conhecer as paixões, motivações e valores de uma pessoa. Para "acessar" esse material empírico, é preciso entrar em contato com as *memórias*, aqui entendidas como um "dispositivo histórico que permite buscar no ontem a compreensão do hoje e a transformação do porvir" (Chaves, 2013, p. 22). Em outras palavras, trata-se de uma

montagem, "nunca factual, de episódios ordenados pela forma como lemos e vemos as situações, como elas nos afetaram, como a significamos a partir da linguagem e de toda possibilidade e constrangimento que ela oferece (Chaves, 2013, p. 166).

Considerando que, como todas as pesquisas com que abordam narrativas, o presente trabalho se encontra dentro de um quadro diverso e contribui no processo de formação e pesquisa em educação. De acordo com Lima, Geraldi e Geraldi (2015), às narrativas autobiográficas como pesquisas decorrentes das “histórias de vida na formação de professores apostam no potencial da escrita de si para a compreensão dos processos de formação dos sujeitos”, ganhando força nos grupos de pesquisas, propiciando “a compreensão das relações de ensino-aprendizagem, das identidades profissionais, dos ciclos de vida, entre outras” (Lima; Geraldi e Geraldi, 2015, p. 26). O trabalho com as narrativas autobiográficas na formação e na pesquisa em educação contribuem para a inserção das temáticas desenvolvidas pelos sujeitos, enriquecendo o repertório de estudos desenvolvidos na educação.

A escolha desta abordagem metodológica se deu a partir do desejo de ouvir as discentes que se tornaram mães no que diz respeito às suas vivências durante a graduação. Mais do que participantes de uma pesquisa e depoentes de relatos de vida, considero essas mulheres como *personagens* das histórias que aqui são construídas. Segundo Gurgel e Maknamara (2017, p. 572), as narrativas (auto)biográficas garantem as diferentes personagens de uma pesquisa "a oportunidade de serem ouvidas, compreendidas e, mais importante, valorizadas". Isso porque as pesquisas que se valem de tal abordagem se destacam “pela alteridade, pela voz do outro, pelo lugar do outro e o lugar que ocupamos na vida do outro e no seio de uma comunidade” (Passeggi, 2016, p. 307).

É importante salientar que o trabalho “com narrativas não é simplesmente recolher objetos ou condutas diferentes, em contextos narrativos diversos, mas, sim, participar na elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da demanda de um investigador” (Abrahão, 2012, p. 85). Por isso, considera-se necessária a inserção dos diálogos sobre as autobiografias em sala de aula, em especial, dos cursos de graduação, proporcionando aos estudantes mais uma ferramenta de aprendizagem na construção da memória durante a sua formação, uma vez que

refletir sobre os processos de formação, parar para pensar nas experiências vividas permite um movimento singular de investigação sobre os percursos pessoais; investigação que pode iluminar saberes e fazeres que constituem a pessoa e, assim, ajudam a dar visibilidade aos fios de histórias particulares que se entrelaçam em trajetórias reveladas no presente (Ostetto; Kolb-Bernardes, 2015, p. 163).

Essas experiências vividas, quando narradas no processo de formação, podem resultar em “produtos como relatos de experiência, dissertações, teses e artigos científicos” (Ventura; Cruz, 2019, p. 430), assim como Trabalho de Conclusão de curso, que é o caso desta pesquisa.

Considerando que este trabalho se volta para uma pesquisa que teve como campo de investigação o curso de Pedagogia, Chaves (2005) destaca:

no âmbito da pesquisa, os trabalhos na linha narrativa (auto)biográfica têm levado à identificação, compreensão, de fatores que balizam o modo como nos constituímos professores e de aspectos que estão no cerne do processo de constituição identitária, intrínsecos à profissão docente (Chaves, 2005, p. 87).

Considerando também que esta abordagem é voltada para um estudo de campo, Gil (2008, p. 57) detalha: “o estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação. A pesquisa também se enquadra no formato qualitativo, a qual Minayo (2012, p. 623) traz a compreensão como verbo principal. Para a autora, “compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento.” Nesse formato de pesquisa, é preciso levar em conta tanto a singularidade do indivíduo, quanto sua experiência e vivência no âmbito coletivo, considerando a cultura na qual encontram-se inseridos (Minayo, 2012, p. 623).

Ainda na abordagem qualitativa, de acordo com Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016, p. 115), “nessa modalidade de pesquisa qualitativa os processos reflexivos e de ressignificação das experiências são importantes, tanto para a pessoa que narra, quanto para quem as escuta, incluindo o pesquisador, que se forma com a pesquisa e com quem dela participa”, trazendo um olhar para além da visão teórico-científica.

3.2 Sobre o campo de estudo: a Universidade Federal Rural do Semi-Árido

A pesquisa foi desenvolvida com estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, no campus localizado no município de Angicos, interior do Rio Grande do Norte.

Historicamente, é interessante destacar um pouco da implementação do Campus e alguns dados do curso de Pedagogia que se faz importante pontuar. A Universidade Federal Rural do Semi-Árido, segundo o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia (2016, p. 10),

ampliou a atuação intrarregional em Ensino, Pesquisa e Extensão ao criar em 2008 seu primeiro Campus Avançado, na cidade de Angicos-RN, fruto da adesão ao Programa de Reestruturação e Expansão das Instituições Federais de Ensino (REUNI) lançado pelo Governo Federal para que as universidades federais promovessem a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior.

Além disso, foi o primeiro e, até o presente momento, o único Campus da UFERSA a ofertar o curso de Licenciatura em Pedagogia, sendo aprovado por decisão da CONSEPE/UFERSA nº 036/2016, na 7ª. Reunião Ordinária de 2016. Seu início aconteceu no período letivo de 2017.1 no mês de junho. Tem carga horária total de 3.435 horas/aulas, e foi classificado com nota 4 pelo Ministério da Educação.

Realizado apenas no turno noturno, o curso oferece 50 vagas por ano. Segundo os dados da última atualização do site oficial da UFERSA-Angicos, o corpo docente torna o curso de Licenciatura em Pedagogia majoritariamente feminino, visto que dos 20 docentes, apenas 08 são do gênero masculino.

3.3 Estudantes mulheres que se tornaram mães: sobre os “sujeitos da pesquisa”

“[...] a escuta sensível do outro fundamenta-se no reconhecimento de sua historicidade e de seu pertencimento social, com base na hipótese de que o ato de narrar as histórias por ele experienciadas está na origem do conhecimento de si” (Passeggi; Nascimento; Oliveira, 2016, p. 115).

Para a realização da pesquisa foram consideradas quatro licenciandas mães que passaram a vivenciar a maternidade após estarem inseridas no curso de Pedagogia, com idade entre 18 e 42 anos, e com filhos na faixa etária entre 0 e 5 anos, e que no momento da pesquisa mantinham vínculo com a UFERSA - campus Angicos. Ao aceitar o convite para participação da pesquisa, foi posto um termo de consentimento livre e esclarecido que deveria ser assinado, onde oficialmente demonstrasse o interesse voluntário e consentimento para que as falas dessas mulheres fossem utilizadas como material empírico na análise do presente trabalho. A proximidade com as participantes se deu desde o ingresso no curso, ou seja, desde o período letivo de 2018.1, algumas que ainda estavam concluindo o curso, e discentes que entraram após esse período, a maioria fazia parte de um grupo de orientação de TCC e que se enquadraram no perfil da pesquisa.

No primeiro momento foram apresentados os objetivos e os termos da pesquisa, e agendados os encontros individualizados para a realização da entrevista, sendo duas no campus Angicos e as outras duas foi em um local de preferência das entrevistadas (própria residência). O tempo de cada entrevista variou de 15 a 35 minutos. Para que alguns detalhes não passassem despercebidos, as entrevistas foram gravadas e descritas, e como forma de garantir a integridade e o anonimato das participantes, elas escolheram um pseudônimo que foi adotado no momento de análise das suas falas.

Kaká é uma estudante de 24 anos, engravidou aos 23 anos e se encontrava atrasada em relação à turma original no momento da entrevista, estando no 11º semestre. **Merly** também tem 24 anos, também engravidou aos 23 anos, no entanto difere de Kaká quanto ao fato de estar no período regular do seu curso, no 9º semestre. Já **Malu** tem 42 anos, já foi mãe em outro momento da vida, aos 19 anos, e sua última gestação foi aos 38 anos, no momento se encontrava no 5º período, não estando regular em relação à sua turma original. Por fim, **Laica** tem 27 anos, engravidou aos 26 anos, estava atrasada em relação à turma original, estando no 13º semestre.

Para a realização da pesquisa, foi elaborada uma entrevista semiestruturada, que de acordo com Manzini (2004, p. 21),

[...] possui um roteiro de perguntas básicas previamente estabelecidas e que fariam referência aos interesses da pesquisa. Ela difere da estruturada pela sua flexibilidade quanto às atitudes e compreensão do pesquisador, podendo ou não alterar as perguntas no decorrer das respostas dadas.

Foi a partir dessa flexibilidade que se deu a construção de um diálogo que a priori foi desencadeado pelo roteiro que por sua vez, ao ser aplicado, proporcionou uma reflexão acerca da trajetória acadêmica em meio às vivências da maternidade, sendo assim identificado possíveis fatores que influenciaram na permanência dessas discentes mães. Atentando as visões dessas mulheres acerca de suas maiores motivações e desafios enfrentados no decorrer da graduação, diante dessa produção de dados que a pesquisa foi sendo construída e embasada.

4 "PARA QUE OUÇAM NOSSAS VOZES": RELATOS DE ESTUDANTES QUE SE TORNARAM MÃES ACERCA DOS DESAFIOS, CONQUISTAS E RESISTÊNCIAS EM SUAS TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS

Neste capítulo, apresento o material empírico coletado nas entrevistas, descrevendo e analisando as falas de mães estudantes do curso de Pedagogia, estando dividido em cinco tópicos temáticos. No primeiro tópico, *“O que pode o sonho?”*, as estudantes relatam a respeito de suas perspectivas e dos desafios enfrentados para que conseguissem realizar o sonho de cursar uma universidade. No segundo tópico, *“Quem cuida de quem cuida?”: os desafios da relação maternidade-universidade a partir dos eixos de inclusão, participação e permanência*, as estudantes compartilham suas inseguranças a partir da sobrecarga gerada ao tentar conciliar maternidade e estudos no período após o nascimento dos filhos. No terceiro tópico, *“Participação limitada”, “restrição de horários” e “rede de apoio”: o que aproximam as experiências das estudantes que se tornaram mães*, as estudantes falam sobre suas dificuldades para conseguirem seguir com o ritmo acadêmico. No quarto tópico, *“Quando o pai não é parte da rede de apoio: tensões entre maternidade e paternidade”*, é refletido a respeito da ausência da participação paterna e como isso impacta os estudos da estudante mãe. No quinto e último tópico, *“Entre o “currículo formal” e o “currículo da maternidade”*, discute-se a respeito das dificuldades das estudantes mães em acompanharem o currículo formal da universidade em meio às responsabilidades maternas.

4.1 O que pode o sonho?

“O sonho é o olho da vida.”
(Mia Couto)

"O ensino superior sempre foi um sonho distante da minha realidade", me compartilhou Merly (notas de diário de campo, dezembro/2023) em nosso encontro. Ela destacou que ser a primeira da família a cursar uma graduação a motivou a buscar conhecimento, mesmo sem ter um exemplo familiar. *"Minha família é muito humilde, então as opções que têm aqui em Angicos é você trabalhar em casa de família ou em lojinha"*, explicou Merly (notas de diário de campo, dezembro/2023). Ela optou por fazer o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM e escolheu cursar licenciatura em Pedagogia na universidade local, pois os cursos da área de Exatas não eram de sua preferência. Ainda diz que também, *“ser mãe sempre foi um sonho, mas como percebi que conciliar a maternidade*

com a universidade era difícil, fiquei surpresa, porém muito feliz, quando engravidei" (Merly, notas de diário de campo, dezembro/2023). De fato, não é fácil conciliar a maternidade com outros elementos, a exemplo da universidade. Não apenas porque "a criação de filhos continua sendo uma tarefa quase que exclusivamente feminina" (Meyer, 2005, p. 83), mas porque configura-se como uma prática social carregada de significados e expectativas, como nos mostra Forna (1999, p. 15):

Espera-se que a futura mãe se abstenha de café, chá, álcool, fumo (inclusive passivo), determinados tipos de alimentos industrializados, estresse, excesso de exercícios [...] Durante a gravidez, o desenvolvimento do bebê e de todos os aspectos do comportamento dela são minuciosamente monitorados pelos serviços de saúde. [...] Para o melhor e para o pior, hoje, as responsabilidades da mãe dobraram: a estabilidade emocional e o desenvolvimento cognitivo e psicológico dos filhos também estão a seu encargo. [...] As mães são bombardeadas com mais informações do que conseguem absorver e o conselho é sempre apresentado como o "melhor para o seu bebê", porém envolve vários outros interesses [ou problemas] sociais, políticos e culturais.

Não é difícil que a palavra "sonho" seja atribuída à maternidade. Isso porque a expectativa de uma mulher ser mãe, "de gerar uma vida e de sentir-se plenamente realizada em sua maternidade, ao dar cabo àquilo que seria seu propósito natural, corresponde a um conjunto de enunciados que tem sido discursivamente produzido em diferentes instâncias" (Gurgel, 2022, p. 131) No entanto Laica, outra participante desta pesquisa, me confessou que *"ser mãe nunca foi meu sonho, nunca me vi cuidando de outra pessoa além de mim mesma"* (notas de diário de campo, dezembro/2023). Segundo Menezes et al. (2012, p. 25), "independentemente do fato de ser uma gravidez indesejada ou se o maior sonho da gestante é ter um filho, é certo que a gestação traz grandes transformações biológicas e psíquicas na vida da mãe."

Laica prosseguiu, em outros momentos, falando de outros sonhos interrompidos por circunstâncias da sua vida.

Eu tinha o sonho de cursar Direito, mas não pude devido às minhas condições. Infelizmente, casei cedo e precisei trabalhar para ajudar nas despesas. Já estava desanimada com o sonho de entrar na faculdade, afinal, já tinha 20 anos. Foi através da ligação do meu padrinho, que estudava na Ufersa, que fui incentivada a fazer Pedagogia, quando soube que abria o curso em Angicos (Laica, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

Somos, em determinados momentos, direcionadas a uma realidade difícil, com a presença de desafios sejam advindos da maternidade ou de outros fatores da vida pessoal que

são atravessados por dinâmicas de gênero, e que muitas vezes nos fazem desacreditar dos nossos sonhos. Em muitos casos, contar com incentivos de pessoas próximas, como foi no caso de Laica, torna-se um elemento crucial para que o sonho de ingressar no ensino superior seja realizado. Isso evidencia a necessidade que temos de "agarrar" as oportunidades que nos aparecem, para que futuramente questões sociais – os "destinos prováveis" que se apresentam em nosso horizonte, a exemplo de tornar-se empregada doméstica ou vendedora - não venham a se tornar um fator limitante na realização do que desejamos.

Sem dúvidas, uma das dificuldades que sobressaem nas vozes dessas mulheres são as questões socioeconômicas, que foi um fator determinante na vida tanto de Laica, quanto na vida de Merly. Nesse sentido, Merly frisa que *"não queria ficar dependendo do meu marido nem da minha família, queria fazer alguma coisa pra me sustentar e através do conhecimento eu vi uma oportunidade para melhora da minha vida"* (Merly, notas de diário de campo, dezembro/2023). Infelizmente, por estarmos situados em uma sociedade patriarcal e heteronormativa, ainda perpetua-se “a ideia de que o papel das mulheres dentro de seus lares esteja diretamente vinculado à força emocional, paciência, educação de filhos e compreensão com os problemas do marido” (Ribeiro, 2016, p. 19). Mas o que pode conter a força de um sonho? Quem pode controlar o desejo quando mulheres se abrem para outras possibilidades além daquelas significadas como únicas e imutáveis para o seu "destino"?

Nesse sentido, Merly reconhece a importância do conhecimento como uma ferramenta na busca para garantir sua independência financeira e promover um futuro melhor para si mesma. Pois, como afirma Paulo Freire em sua Pedagogia da Esperança, “não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança” (Freire, 1997, p. 126). É um sonho estar inserida no contexto universitário, anseio este compartilhado por muitas mulheres, que infelizmente pode ser interrompido ou adiado por diversos fatores externos de acordo com Brasileiro (2023, p. 11), um exemplo bastante comum é “a insegurança ao deixar o bebê em casa para retornar às aulas, o cuidado com a amamentação, a falta de ajuda, entre outros fatores fazem com que adie ou desista dos estudos”. No entanto, apesar dessas dificuldades, é o sonho como força motriz que nos proporciona imaginar, nos permite tirar o foco dos obstáculos presente em nossas vidas em uma perspectiva futura de que após a graduação serão abertas novas oportunidades para uma vida melhor, motivando “ao ingresso e continuidade no curso aliado também ao fato de que a faculdade é vista, em alguns casos, como sonho a ser realizado” (Menezes et al., 2012, p. 36).

A forma de resistência que a gente tem é o sonho de se formar, realizar e ter uma vida melhor. Isso é o que nos motiva a continuar e quando chegamos à universidade, vemos um leque de possibilidades do que queremos ser, do que podemos fazer através do curso. Acabamos levando isso na nossa bagagem e isso nos impede de desistir (Kaka, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

No entanto, o sonho por si não é suficiente para minimizar as problemáticas que envolvem as relações entre maternidade e universidade. Em outras palavras, quando as universidades abrem portas para esse público composto por discentes que se tornam mães, é necessário pensar não somente na sua *inclusão*, mas também na sua *participação* e *permanência*.

4.2 "Quem cuida de quem cuida?": os desafios da relação maternidade-universidade a partir dos eixos de inclusão, participação e permanência

As estudantes que se tornaram mães participantes desta pesquisa revelaram aspectos importantes relacionados ao processo de *inclusão* no contexto universitário. Primeiramente, é possível observar que houve uma inclusão em termos de *auxílio*, como o *auxílio creche* mencionado por Malu, uma das depoentes. Esse tipo de suporte financeiro possibilita uma melhora na situação econômica dessas mães, permitindo que elas conciliem os estudos com a responsabilidade de cuidar dos filhos. Como nos mostra Menezes et al. (2012, p. 42), “ao estudarmos a maternidade e a vida acadêmica, verificamos uma realidade que se revelou de forma perversa à subjetividade da mulher, que se encontra num dilema entre sua satisfação pessoal e busca por melhores condições socioeconômicas.”

Preciso fazer algo para ganhar dinheiro, e quando entrei na universidade e tive essa oportunidade, que até então achei que não conseguiria, foi muito bom, principalmente pela questão do incentivo (Malu, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

De fato, o auxílio remunerado oferecido às mães estudantes é um incentivo de suma importância para promover sua participação na universidade. Esse apoio financeiro reconhece os desafios enfrentados pelas mães que buscam a formação na educação superior e busca reduzir as barreiras financeiras que podem impedir sua permanência no contexto universitário. Mas, é importante ressaltar que o auxílio financeiro por si só não é suficiente para incorporar todas as barreiras enfrentadas pelas mães estudantes. Sobretudo quando o único auxílio que visa esse público é apenas o já citado auxílio creche.

Porém, ao fornecer uma forma de assistência financeira, esse auxílio ajuda a aliviar o estresse econômico de muitas mães estudantes, permitindo que elas se concentrem em seus estudos sem se preocupar com determinadas despesas. Isso cria um ambiente propício para o aprendizado e o desenvolvimento acadêmico.

Para além do auxílio creche, há outras maneiras de assistência estudantil destinada às estudantes que se tornam mães, o que inclui a *licença maternidade*, que assegura que “as estudantes gestantes têm seus direitos garantidos pela Lei nº 6.202, de 17 abril de 1975, permitindo-lhe o afastamento para exercícios domiciliares a partir do oitavo mês mediante atestado médico” (Santos, Martins e Justi, 2020, p. 14). Tal licença transmite uma mensagem importante de valorização e apoio às mães estudantes que realmente necessitam, demonstrando o reconhecimento da sociedade pela importância da educação e o compromisso em garantir acesso à educação superior, mesmo para mulheres com responsabilidades parentais.

Segundo Brasileiro (2023, p. 24), “a licença maternidade garante o direito de a mãe ficar em casa por um tempo. A Universidade, regida pela legislação, oferece o direito de a estudante ficar afastada da Instituição por três meses, sem levar faltas”. Isso impacta positivamente a autoestima e a confiança, encorajando-as a perseguir seus objetivos educacionais e profissionais, se sentindo valorizadas e motivadas para superar os desafios diários.

No entanto, quando trazemos experiências das mães discentes desta investigação no que diz respeito às atividades de ensino, pesquisa e extensão, percebemos que esta participação nem sempre é facilitada. Merly relata que, devido ao parto cesariana ter acontecido precisamente ao final do período letivo em que estava matriculada, não conseguiu frequentar a universidade e precisou pedir licença maternidade. No entanto, ela optou por não utilizar o restante dos dias da licença. Tal decisão evidencia a preocupação em não perder o ritmo acadêmico e manter-se regular no curso, pois, segundo Brasileiro (2023, p. 25), “com o retorno para as aulas, após a licença maternidade, algumas mulheres encontram dificuldades de aprendizagens, e não conseguem acompanhar as aulas devidamente.”

Fiz um pedido de licença maternidade por alguns dias, pois já era o final do período. Tinha a opção de utilizar o restante dos dias da licença nesse período, mas optei por não tirar, pois a universidade demanda muito tempo e se eu tirasse, só voltaria no final do período. Vi as matérias que tinha para pagar agora, os professores, e percebi que não seria possível usar a licença, pois atrasaria meus estudos (Merly, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

A transição para a maternidade é um momento de extrema importância e delicadeza na vida de uma mulher, e a licença maternidade é um direito essencial para garantir o bem-estar, tanto da mãe, quanto do bebê. No entanto, muitas vezes, a pressão acadêmica e as expectativas do ambiente universitário colocam as mães estudantes em uma situação desafiadora e complexa.

Um exemplo disso é o caso de Merly. Em sua experiência, a licença maternidade não foi usufruída da maneira como ela tinha direito, pois houve uma preocupação constante em relação ao acúmulo de atrasos nos estudos durante esse período. As mães enfrentam o dilema de conciliar o cuidado com o bebê e as demandas acadêmicas, muitas vezes sentindo-se pressionadas a retornar aos estudos rapidamente para não perderem o ritmo.

Falar em *inclusão* a partir das experiências das estudantes participantes é reconhecer que o acúmulo de atrasos nos estudos durante a licença maternidade não seria um reflexo de falta de comprometimento ou capacidade das mulheres, mas sim uma consequência esperada do processo de maternidade e de todas as expectativas sociais que envolvem diretamente as mulheres que se tornam mães.

Segundo Brasileiro (2023), a licença maternidade,

[...] além de ser um período de sobrecarga, estando essa mãe dividida entre as tarefas acadêmicas e maternas, torna-se também este um período denso e exaustivo, que as estudantes precisam de esforço para não serem reprovadas, visto que o rendimento e a assimilação de conteúdos não são os mesmos de antes (Brasileiro, 2023, p. 24).

Essa pressão muitas vezes pode levar ao estresse físico e emocional, afetando diretamente a experiência das mães estudantes. O período pós-parto exige tempo para recuperação física, adaptação à nova rotina com o bebê e estabelecimento de vínculo afetivo. No entanto, a exigência de retornar rapidamente aos estudos pode resultar em exaustão e falta de tempo adequado para atender às necessidades maternas. Como nos mostra a reflexão de Couto (2002, p. 46),

estudar após um dia de trabalho não é fácil. Têm dias que não dá para realizar a leitura indicada ou que o corpo não aguenta até o final da aula, dias que o sono batia e não era desrespeito com o professor, era o corpo acusando sobrecarga mental e físico. E assim, quem cuida da mãe?

O período do puerpério, a rotina de cuidados com os filhos e com a casa, o relacionamento - quando se está em um - e as obrigações com o desempenho na graduação

acabam gerando, além da sobrecarga física, uma sobrecarga psicológica diante do excesso de autocobrança gerado, podendo desencadear um período de estresse, trazendo a necessidade de se ter um cuidado com essa mãe/estudante. Afinal, “quem cuida de quem cuida?”

Embora possamos observar semelhanças que aproximam as experiências da maternidade vivenciadas pelas participantes da pesquisa, há também particularidades que as diferenciam. Nesse sentido, Laica, diferentemente da experiência de Merly, discorre positivamente em relação ao gozo de sua licença-maternidade. Ela destaca que os professores a acolheram bem e enviaram as atividades para serem realizadas remotamente. No entanto, no período de 2022.2, houve um problema com sua licença e ela não foi informada sobre sua situação, resultando na perda de todo o período letivo. Essa falta de comunicação e suporte adequado afetou negativamente sua participação e a deixou desanimada, chegando a pensar que não seria capaz de conciliar a maternidade com os estudos universitários.

Quando finalmente tive alguma notícia, já era o final da minha licença e eu não tinha como voltar às aulas presenciais. Acabei perdendo todo o período de 2022.2 e isso me devastou, pensei que depois da maternidade não conseguiria mais dar conta da faculdade (Laica, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

A falta de informações claras sobre a licença maternidade é um problema que precisa ser abordado. É injusto e prejudicial deixar uma discente desamparada por falta de comunicação. Embora seja responsabilidade das discentes estarem atentas aos trâmites e processos para solicitar a licença, no caso de Laica, vemos que a perda do semestre ocorreu devido a problemas durante o período de licença. Nesse sentido, as universidades precisam estar atentas e sensíveis às necessidades desse público, conscientizando sobre questões específicas enfrentadas pelas discentes durante a licença-maternidade.

Urpia e Sampaio (2009, p. 37) frisam acerca da necessidade de não esquecermos que "dentro de um contexto cultural [...], a maternidade é idealizada e a mulher, especialmente nos primeiros anos de vida da criança, é considerada a principal responsável por seu cuidado". Transferir toda a responsabilidade para a discente, principalmente quando sua maior preocupação está voltada para sua recuperação e os cuidados com o bebê, é reflexo de uma sociedade que ainda não reconhece e, muitas vezes, negligencia as necessidades e complexidade que envolve a maternidade, o que pode impactar negativamente em sua motivação e engajamento com o curso.

Portanto, é fundamental que as universidades, além de fornecerem informações claras e acessíveis sobre os procedimentos e direitos relacionados à licença-maternidade, ofereçam

suporte e orientação adequados durante esse período, garantindo que as discentes não sejam prejudicadas academicamente. É necessário que haja empatia e compreensão por parte das instituições de ensino, reconhecendo os desafios enfrentados pelas discentes nesse momento tão sensível de suas vidas.

As mães estudantes enfrentam uma série de desafios únicos ao buscar educação superior. Um desses desafios encontra-se no fato de que a maioria das “universidades ainda não estão preparadas para o acolhimento de mães trabalhadoras e estudantes” (Gaspary, 2019, p. 19). Embora a universidade possa *abrir portas* para oportunidades, é crucial que ela vá além disso e crie condições que permitam a *permanência* dessas mulheres. Em outras palavras, não basta *incluir* – a partir de iniciativas de auxílio estudantil, a exemplo do auxílio creche e da licença maternidade -, mas também garantir a *permanência* e a *participação* das estudantes.

Para Couto (2022, p. 52), “cada estudante desenvolve uma estratégia/rotina para conseguir estudar e é claro que depois da maternidade essa rotina é readaptada e a maioria enfrenta a dificuldade devido à nova rotina com o bebê, o aleitamento livre demanda e outros fatores que se correlacionam”. Conciliar as posições de mãe e de estudante exige equilíbrio e determinação. Enquanto ser mãe implica em dedicar-se integralmente ao cuidado e crescimento de outra pessoa, ser estudante envolve investir tempo e esforço em adquirir conhecimento e qualificação para o futuro. Portanto, a inclusão, participação e permanência são elementos essenciais para garantir o acesso igualitário à educação e promover a igualdade de oportunidades para todos.

4.3 “Participação limitada”, “restrição de horários” e “rede de apoio”: o que aproximam as experiências das estudantes que se tornaram mães

Até chegar à universidade, Malu teve que enfrentar várias adversidades. Como afirma em seu relato, “*quando passei para o terceiro ano do ensino médio, eu estava com 19 anos e engravidei. Aí abandonei os estudos quando o bebê nasceu*” (Malu, notas de diário de campo, dezembro de 2023). Essa situação evidencia como as barreiras podem surgir em diferentes momentos da vida e afetar a trajetória educacional de uma pessoa.

Nesse sentido, Urpia e Sampaio (2009, p. 36) vão dizer que é “difícil, sem dúvida, decidir entre o sonho de realização pessoal/profissional e o bem-estar do filho.” Escolher entre um ou outro foi o caso de Malu, que afirma: “*Eu tenho três filhos, e só quando eles cresceram um pouquinho, eu decidi voltar a estudar. Pensei: agora vai dar certo.*” Essa determinação

em retomar os estudos mostra como a perseverança e o apoio adequado podem fazer a diferença na trajetória educacional de uma pessoa, aproximando-se do pensamento de Brasileiro (2023, p. 31), onde a autora reflete que, mesmo com as dificuldades presentes na maternidade, “a maioria das estudantes consegue prosseguir e buscar uma carreira profissional. Mesmo que, em alguns casos, elas precisem trancar o curso por algum tempo.”

Quando eu me casei novamente, meu esposo era professor e quando eu cheguei para morar novamente em Angicos, eu senti a necessidade de voltar a estudar porque todos perguntavam: "sua esposa é professora?". A mim perguntavam: "qual é a sua formação?". Além de tudo ainda tinha também o fato de quando eu reencontrava meus antigos colegas da minha época de escola, todos tinham uma profissão e eu era uma dona de casa. Então vinha aquele pensamento de realmente voltar a estudar e pensar num curso superior. Eu fiz o ENEM, já cheguei no portão da UFERSA e deu vontade de desistir da prova e voltar, mas algo me dizia para fazer a prova. Aí fiz e tirei uma boa nota e hoje estou aqui na UFERSA. (Malu, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

A história dessa mãe que sentiu a necessidade de voltar a estudar após se casar novamente demonstra como a busca pelo conhecimento pode ser impulsionada por diferentes motivos, em diferentes contextos e situações - desde o desejo de ser reconhecida profissionalmente, o constrangimento de não possuir uma profissão e ser vista socialmente como uma "dona de casa", até a superação das expectativas sociais. Em alguns casos, o retorno aos estudos por acreditar

na instituição escolar e que ela poderá contribuir substancialmente para ampliar de suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho através dos conhecimentos ditos formais aprendidos na escola, bem como tais conhecimentos poderão favorecer o desenvolvimento de novas possibilidades de inserção ou afirmação de seu emprego (Siqueira, 2009, p. 37).

O questionamento sobre sua formação, feito por aqueles ao seu redor, revela a pressão e o estigma associados à falta de uma qualificação formal. Essas cobranças podem gerar insegurança e desmotivação, refletida na vontade de Malu em desistir ao se encaminhar para a prova do ENEM, um exemplo simbólico de como os desafios podem se apresentar durante a jornada educacional. No entanto, essa mãe encontrou forças para enfrentá-las realizando assim o exame. "Fiz e tirei uma boa nota" comemorou Malu. Hoje, está na UFERSA, mostrando que é possível *resistir*, superar as adversidades e alcançar os seus objetivos. Resistência, como nos mostra Paraíso (2016, p. 389), é uma "força inventiva que move e cria possíveis". Trata-se de uma recusa a viver de uma única maneira, criando um "re-existir, ou seja, um existir de um outro modo" (Paraíso, 2016, p. 389). Há muita *re-existências* nas

narrativas de discentes que se tornaram mães, como o exemplo de Malu e do seu resultado positivo no ENEM. Uma prova de sua dedicação e capacidade de superação, desmistificando o papel que a mulher deve desempenhar, sendo “somente mãe” (César; Loures; Andrade, 2019, p. 70). Porém, a resistência não opera solitariamente. Pensar dessa maneira poderia atribuir exclusivamente aos esforços individuais das mulheres que se tornam mães e isentar o papel das instituições, como a universidade Logo, é importante ressaltar que a inclusão vai além de garantir o acesso inicial à educação. Ela deve englobar a participação ativa de todos os indivíduos, independentemente de suas circunstâncias pessoais. É compreensível que a maternidade tenha impactado a participação das mães discentes naquilo que compreendo como uma tríade universitária ***inclusão-permanência-participação***, citada no tópico anterior.

Devido às demandas e restrições de tempo e acesso, Santos, Martins e Justin (2020, p. 7) confirmam dizendo que “a escolha pela maternidade traz alguns obstáculos, principalmente na participação no campo da pesquisa, o que configura um processo lento na carreira científica”. Porém, ao analisar as falas das mães discentes, podemos observar uma realidade ainda mais desafiadora e desfavorável do que o esperado para o êxito dessas mulheres na referida tríade. O exercício da maternidade se torna um obstáculo que limita suas oportunidades de envolvimento em atividades de ensino, pesquisa e extensão. É preocupante observar que a falta de suporte institucional e social adequado contribui para a ausência dessas mães nessas áreas.

O fato de ser mãe atrapalha um pouco na questão da pesquisa, pois teria que me dedicar mais, como vir não só à noite para as aulas, mas também no período da tarde. Isso neste momento não é possível, pois tenho as demandas de mãe e da casa (Malu, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

A saída da pesquisa e extensão teve relação com a minha maternidade, porque o acesso à universidade aqui em Afonso Bezerra fica difícil para Angicos. Aqui não há transporte durante o turno da manhã e da tarde, e o transporte que eu utilizava para ir até a universidade era uma motocicleta. Com a gravidez, fui proibida de andar de moto(...)(Kaká, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

Depois de me tornar mãe, minha participação está mais ausente, pois não tenho uma rede de apoio tão extensa que possa ficar com minha filha em diferentes horários para que eu possa focar 100% no curso e nas atividades complementares. Então, sinto que estou mais apagada nesse sentido, estou numa "vibe" de quero me formar e ir embora e não mais instigada como era no início do curso (Laica, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

Com base nas falas das mães discentes, é possível observar algumas categorias analíticas que aproximam as experiências destas mulheres, a exemplo de uma **participação limitada**. Tanto Malu quanto Kaká mencionam que sua participação em atividades de

pesquisa e extensão foi limitada devido às demandas maternas. Malu focou no estágio e planeja ingressar na pesquisa e extensão no ano seguinte, enquanto Kaká viu-se obrigada a abdicar das atividades de pesquisa e extensão devido à falta de transporte adequado para ir à universidade após a gravidez. Essa limitação na participação pode indicar dificuldades enfrentadas pelas mães em conciliar os cuidados com os filhos e as atividades acadêmicas.

Uma outra categoria que tem tornado mais difícil a experiência materna na universidade é a da **restrição de horários**. Kaká destaca que a falta de transporte durante os turnos matutino e vespertino tornou-se um obstáculo à sua participação em atividades para além do horário regular do curso (noturno). Essa restrição de horário pode dificultar o envolvimento das mães discentes em atividades que ocorrem fora do período noturno, quando há transporte disponível. Isso acaba por se relacionar diretamente com a permanência das estudantes no curso. *“Acho que o que dificultou mais a permanência foi o transporte, que é muito difícil de Afonso Bezerra para Angicos”* (Kaká, notas de diário de campo, dezembro/2023). A falta de infraestrutura e suporte para garantir a participação dessas mulheres em atividades fora do horário noturno revela uma lacuna na solidariedade social. Percebemos então que ainda vivenciamos uma sociedade que pouco se faz solidária no que se refere às necessidades específicas, nesse caso das mães discentes. Para que se construa uma sociedade verdadeiramente solidária é preciso identificar e abordar as lacunas existentes visto que não basta apenas compreender tais dificuldades, precisa-se agir para que sejam criadas condições, no qual as dificuldades enfrentadas não tenham impacto na permanência acadêmica dessas mulheres.

Malu, por sua vez, teve que abdicar da participação em grupos de pesquisa ao organizar seus horários para as novas demandas oriundas da maternidade. Maternidade e o estudo em um ambiente universitário são duas responsabilidades exigentes por si. No entanto, quando combinadas, podem criar uma carga significativa sobre as mães estudantes, sobretudo aquelas que se tornam mães durante o percurso de formação. Conciliar todas as responsabilidades impostas às mulheres com os estudos não foi tarefa fácil.

Eu acredito que sou uma boa mãe, mas ainda não sou uma boa estudante. Pretendo melhorar, mas estudar em casa nem sempre funciona devido às interrupções sempre aparece alguém podendo atrapalhar. O lugar ideal seria sair de casa e ir para a universidade, mas aí não dá certo, porque teria que deixar meus filhos com alguém. Como tenho o estágio pela manhã e estudo a noite, que é uma responsabilidade minha, então eu tenho que me dedicar mais tempo em casa à tarde. A dificuldade encontrada é além de conciliar ser mãe e esposa, ainda dona de casa. Mesmo assim, tento conciliar minha vida fora da universidade com minha vida dentro dela (Malu, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

Após o nascimento dos filhos, a mãe, que até então era apenas uma estudante, passa a ter uma mudança em sua rotina, tendo que conciliar casa e estudos. O cansaço, a sobrecarga com as responsabilidades da maternidade e até mesmo a falta de um local adequado para estudar podem afetar o desempenho nas atividades do curso, gerando inseguranças com relação ao seu rendimento nas disciplinas e até mesmo de sua permanência na universidade. Tal fala de Malu corrobora com o argumento de Menezes et.al (2012, p. 38) quando afirmam que essa falta de tempo “é considerado um inimigo ao convívio mãe e filho e que a qualidade do tempo que passam juntos funciona como um diferencial que alivia a angústia da distância”. O modo de minimizar tal angústia seria com a **rede de apoio**, o foco da próxima categoria de análise.

Laica menciona que sua participação diminuiu devido à falta de uma rede de apoio que pudesse cuidar de sua filha em diferentes horários, o que a impede de se dedicar totalmente ao curso e às atividades complementares. A falta desse suporte pode fazer com que as mães discentes se sintam mais sobrecarregadas e limitadas em suas possibilidades de participação. Durante o percurso acadêmico, é comum encontrar dificuldades que podem ameaçar a permanência e conclusão do curso. As mães estudantes precisam encontrar maneiras de conciliar horários, garantindo que haja tempo dedicado tanto aos estudos quanto aos cuidados com os filhos. Isso muitas vezes envolve planejamento cuidadoso, estabelecimento de rotinas e a busca por suporte externo, como o auxílio de familiares, amigos ou serviços de cuidados infantis. Tal rede de apoio pode proporcionar um espaço seguro para a expressão de frustrações e ansiedades, que são inerentes à experiência de conciliar maternidade e estudos. Ao criar um ambiente de acolhimento e empatia, essas redes contribuem para o fortalecimento emocional das mães estudantes, reduzindo o estresse e promovendo a saúde mental - que é um dos maiores desafios enfrentados por Merly e Laica.

A dificuldade de permanecer no curso é ter tempo voltado para a faculdade. Um exemplo disso foi essa semana, quando minha mãe ficou doente. Ela é minha rede de apoio durante o dia, então eu tinha várias atividades para fazer e não consegui realizá-las. Tive que ficar com minha filha, deixando as atividades de lado para cuidar dela (Merly, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

A maior dificuldade é a rede de apoio, pois encontrar alguém que ficasse com minha filha é uma tarefa difícil até hoje, tenho poucos familiares perto de mim e isso dificulta bastante a minha permanência e o meu rendimento estudantil. Já tentei levar minha bebê algumas vezes para as aulas, mas não deu muito certo porque nesse período não conhecia muitas pessoas e não tinha quem me ajudasse com ela. Ela saía da rotina e ficava bastante estressada, o que me fazia perder a atenção nas

aulas.(...) Minha cunhada me ajuda quando preciso ir a Angicos, porém ela nem sempre está disponível por estar doente e novamente fico sem poder ir para as minhas aulas (Laica, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

A rede de apoio desempenha um papel crucial na mitigação dos desafios enfrentados pelas mães estudantes no ambiente acadêmico. Sob uma perspectiva crítica, é evidente que as instituições de ensino muitas vezes negligenciam as necessidades específicas dessas mulheres, o que resulta, na maioria dos casos, em dificuldades em conciliar os papéis de mãe e estudante, acarretando evasão, que pode ser caracterizada, segundo Zang, Blanco e Bobsi (2022, p. 1), “muitas vezes em função da sobrecarga de atividades, pela carência de uma rede de apoio, falta de incentivo e de recursos financeiros, em alguns casos também pela violência doméstica e machismo estrutural, quando é impedida de continuar seus estudos por assédio moral do parceiro”.

Os dados correspondentes à evasão durante a maternidade chegam ser alarmantes. De acordo com Vicente (2017), a partir de pesquisas realizadas pelo Ministério da Educação (MEC), em parceria com outras organizações, 18,1% das mulheres com idade de 15 a 29 anos interrompem os estudos por motivos de gravidez. Ainda dentro desse estudo, a autora traz dados em maiores proporções:

No Brasil, 309 mil adolescentes mães estão fora da escola, segundo levantamento do Movimento Todos pela Educação, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). A evasão escolar se dá, entre outros motivos, pela ausência de quem fique com a criança enquanto a mãe estuda ou está na escola. A Pnad mostrou que das mais de 400 mil meninas mães entre 15 e 17 anos, apenas 104.731 estudam. o que significa que mais de 300 mil estão fora da escola.

Dados como esses reforçam a necessidade da execução de políticas públicas que assegurem a essas estudantes que agora se encontram também na condição de mães, amparo antes e depois da gestação, boas condições de retorno às aulas e garantia de cuidado aos filhos. Deve-se considerar que na maioria dos casos, essas estudantes se encontram em um contexto familiar desestruturado, onde muitas se veem sem o apoio dos pais e até mesmo sofre com o abandono do parceiro, necessitando abandonar os estudos para irem em busca de um sustento para ela e para a criança.

Logo, torna-se importante lembrar que "durante transições, as pessoas precisam mobilizar diferentes tipos de recursos: internos, experiências e habilidades; e externos, como pedir uma ajuda da família ou de outras pessoas de sua rede de sociabilidade” (Urpia e Sampaio, 2009, p. 38). Nesse sentido, as redes de apoio surgem como uma resposta coletiva e

empoderadora, permitindo que as mães estudantes compartilhem experiências, recursos e estratégias para superar as barreiras impostas pela estrutura acadêmica tradicional.

4.4 Quando o pai não é parte da rede de apoio: tensões entre maternidade e paternidade

É importante ressaltar que a rede de apoio não deve ser encarada como uma solução isolada para os problemas enfrentados pelas mães estudantes. Ela é apenas uma resposta emergente à falta de políticas institucionais adequadas que abordem as necessidades dessas mulheres. A mesma falta de uma rede de apoio enfrentada Merly e Laica também foi enfrentada por Malu que menciona, *"a pessoa com quem eu me relacionei era irresponsável, não foi uma pessoa presente. O filho foi uma responsabilidade totalmente minha, porque ele não me ajudou nos primeiros momentos."* Situações como essa reforçam a naturalização “da mãe-mulher cuidadora e abnegada e o do homem-pai desresponsabilizado das atribuições que envolvem o cuidado e a educação dos/as filhos/a” (Klein; Meyer, 2018, p. 213). Trata-se de um fator que, infelizmente, ainda é bastante comum em nosso cotidiano, vide a experiência de Malu, que é bastante simbólica de uma premissa que une conservadorismo, machismo e heteronormatividade ainda presentes em nossa realidade.

Saber que em determinado momento todos nós dependemos de outra pessoa, mas que no fim, os cuidados serão delegados a nós, mulheres, é assunto pautado pela autora Antoniazzi (2021, p. 98), que afirma que “reconhecer, portanto, que a prática do cuidado é um trabalho e deve ser dividido socialmente sem estruturas de gênero, seria um primeiro remédio.” Mas ao ocorrer “essa divisão sexual do trabalho mantém as mulheres na esfera privada — não remunerada e invisível — e torna-as já de início dependentes” (Antoniazzi, 2021, p. 98).

De acordo com Ribeiro (2016, p. 11), a formação familiar de cada mulher que é mãe e estudante influencia diretamente no grau de dificuldade que ela encontra em conciliar seus estudos com sua vida materna. Em muitos casos, a ausência da figura paterna gera na mãe uma sobrecarga física e psicológica, tendo em vista o aumento da responsabilidade com o sustento e criação dos filhos e a preocupação com os estudos, levando-as à submissão em duplas ou até triplas jornadas de trabalho. Essa ausência paterna, que infelizmente vem sendo normalizada pela sociedade há tanto tempo, desencadeia uma desigualdade enorme na distribuição de responsabilidades parentais. Isso perpassa tanto pelas minhas próprias vivências, quanto pelas experiências relatadas por algumas das entrevistadas.

Existem vários motivos para a ocorrência dessa ausência paterna, porém, uma das mais comuns é a ausência dessa paternidade até mesmo sem a separação do casal. São as questões culturais que minimizam o papel do pai na criação das crianças, colocando nas mulheres uma expectativa para ser uma “*supermãe*” capaz de lidar com todas as demandas, gerando o “mito de mãe perfeita” (Brasileiro, 2023, p. 10). A paternidade é facultativa; a mãe é obrigada a cuidar, o pai cuida se quiser. Segundo Dantas, Jablonski e Féres-Carneiro (2004, p. 350) “a disparidade de papéis pode ser vivenciada pelas mulheres de forma bastante dolorosa”. No caso das mulheres mães, elas assumem a maior parte das responsabilidades que deveriam ser compartilhadas também com os pais, assumindo outras funções na criação dos filhos para além do papel materno, o que torna suas preocupações ainda mais acentuadas. Diante disso, mesmo com situações que estão fora do nosso controle, é despertado o sentimento de *medo*, ainda mais por sermos responsabilizadas quando acontece algo de ruim a criança, já que dificilmente os questionamentos são voltados ao pai. Frases como “*cadê a mãe?*”; “*é culpa da mãe!*”; “*que mãe é essa?*”; “*isso é coisa que uma mãe faça?*”, acionam o sentimento de culpa, o qual se torna mais presente principalmente quando não podemos em algum momento cuidar integralmente de nossas crianças. Sem percebermos, nossas percepções são moldadas a ponto de acharmos que nossos filhos só estarão efetivamente bem sob os nossos cuidados, o que intensifica e fortalece mais ainda essa cultura da ausência paterna, cultura essa que não espera de um homem o livre exercício da paternidade, deixando-lhe acomodar-se sem que haja as mesmas demandas atribuídas às mulheres.

Crepaldi *et al.* (2006, p 581) mencionam que “o pai não pode ser visto apenas como um coadjuvante no cuidado e apoio à mãe, pois deve ser estudado também como um partícipe importante do desenvolvimento, porque influencia e é influenciado em sua interação direta com a criança”. Quando um homem vem exercer o seu papel de pai, geralmente é por escolha dele, não por pressão social. Em relação ao ato de cuidar, quando esse cuidado é realizado por um homem, também costuma-se elogiar, exaltar a sua ação como um diferencial; tal papel nunca é visto como um dever, uma obrigação. Portanto, as escolhas do pai, na maioria das vezes, não são limitadas por *questões paternas*, diferentemente das mulheres que se tornam mães. No entanto, “a família contemporânea apresenta-se multiforme e em permanente transformação. Ela vem se reformulando, surgindo novas formas de relacionamentos.(...) hoje, homens e mulheres são provedores de seus lares, precisam conciliar os cuidados com os filhos e promover a reformulação nas suas funções.” (Dantas, Jablonski e Féres-Carneiro, 2004, p. 354-355). Isso se aproxima da experiência de Malu, que destaca que atualmente recebe muito

apoio do seu atual esposo, pai de seu terceiro filho. Ele desempenha um papel fundamental ao ajudá-la tanto no cuidado com a criança, quanto nas demais atividades necessárias para que ela possa se dedicar aos estudos.

Já não tive dificuldades em relação ao curso, pois tenho muito apoio do meu atual esposo, pai do meu terceiro filho. Meu filho mais novo tem 5 anos, e o meu esposo sempre me apoiou tanto na questão de cuidar da criança quanto nas outras atividades que eu precisava fazer (Malu, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

Essa dinâmica familiar mostra como o suporte e o envolvimento do parceiro podem ser essenciais para que uma mãe consiga conciliar suas responsabilidades familiares com a busca pelo conhecimento e no qual Malu, ao buscar esse conhecimento, dá início a um novo olhar, principalmente sobre a educação.

Durante a infância dos mais velhos, eu tinha um pensamento muito diferente voltado para a educação. Por exemplo, questionava muito a maneira como as professoras davam aula. Cheguei até a fazer um escândalo na escola. Hoje, como estudante de Pedagogia, olho para trás e vejo quanta imaturidade da minha parte (Malu, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

De acordo com Santos, Martins e Justi (2020, p. 4), “o recém-estudante chega no curso tomado de energia para o mundo que lhe aguarda, o que não inclui os imprevistos que a vida lhe oferece principalmente, se for do sexo feminino”. Quando ingressamos na universidade, ou até mesmo as mães que não se encontram inseridas nesse contexto de forma direta, mas indiretamente acompanhando a vida escolar dos seus filhos, compreende-se que existe uma disparidade entre sua visão antes e após a maternidade. Percebi, no decorrer desta pesquisa, certos embates entre o “currículo formal” da universidade, e um certo “currículo da maternidade”. Esse é o foco do tópico a seguir.

4.5 Entre o “currículo formal” e o “currículo da maternidade”

Quando nos tornamos estudantes, ao ingressarmos em uma instituição de ensino superior, desenvolvemos nossos atributos profissionais em nosso percurso de formação, além de termos o domínio de ferramentas para nossa área de atuação. Por anos, somos preparados/as até estarmos aptos/as para exercemos nossa profissão. Existe, portanto, um "currículo formal". Um currículo que prescreve uma grade de disciplinas a ser cumprida, que exige uma pontuação mínima para aprovação em componentes curriculares,

que aponta para a necessidade de inserção dos alunos/as em pesquisa, ensino e extensão, que reserva uma carga horária obrigatória etc. Logo, podemos falar em um "currículo formal" do curso de Licenciatura em Pedagogia. Para (Lima, 2023, p. 235), um “currículo formal”,

também conhecido como currículo prescrito, é o currículo em sua forma mais idealizada. Este currículo é pensado fora das especificidades de uma sala de aula, quer dizer, vem antes do contato efetivo entre professores (as) e estudantes. Aparece, por exemplo, nas diversas formas de diretrizes curriculares (nacionais, estaduais, de educação especial etc.)

Porém, ao vivenciar a vida acadêmica concomitante à maternidade, podemos nos deparar muitas vezes com o fato de que o dito "currículo formal" atende de formas desiguais os grupos que frequentam a universidade. O que faz com que o grupo aqui pesquisado, isto é, as estudantes mulheres que se tornam mães, não se vejam representadas ou atendidas em suas novas especificidades. Afinal, a sua participação torna-se limitada pela experiência da maternidade, deixando uma lacuna em sua trajetória acadêmica e, futuramente, na trajetória profissional.

Logo, é preciso ampliar o que estamos compreendendo por "currículo". O “currículo formal” se trata do material teórico utilizado na área acadêmica, como aulas, atividades e pesquisas, realizados dentro e fora da sala de aula, tendo como questão fundamental a maneira como é utilizado (Trindade, 2018). Considerando que o “currículo” não se destina apenas a um meio, Paraíso (2009, p. 278) destaca:

Um currículo é um artefato com muitas possibilidades de diálogos com a vida; com diversas possibilidades de modos de vida, de povos e de seus desejos. É um artefato com um mundo a explorar. Afinal, mesmo sendo um espaço disciplinar, por excelência, muitas coisas podem acontecer em um currículo.

Considerando as múltiplas possibilidades presentes no “currículo” de maneira abrangente, o “currículo da maternidade” se volta para as práticas realizadas pela mãe ao longo do desenvolvimento do seu filho, desde amamentar até ao estímulo dos primeiros passos, bem como as mudanças e as expectativas que surgem a partir do momento em que elas se tornam mães, o que por vezes entra em conflito com o que se espera dessas mulheres enquanto estudantes.

Para além das demandas e dificuldades encontradas entre esses dois “currículos”, as habilidades que desenvolvemos desde o *ser mãe* até o *ser estudante*, embora por vezes conflitantes, como evidenciadas em algumas narrativas aqui analisadas, também podem se

agregar. O que os relatos aqui evidenciam é que apesar da vida materna/universitária serem atravessadas por dinâmicas nem sempre fáceis de lidar, também pode nos proporcionar uma ampliação em nosso olhar. Um olhar mais comprometido com a transformação social, de desejarmos sermos vistas e representadas nos ditos “currículos formais” das universidades, para sermos atendidas de forma que os enfrentamentos negativos venham a ser amenizados. Essa é uma das possibilidades desse “currículo da maternidade” em constante tensão com o “currículo formal”, e parece ser algumas das aprendizagens que as participantes da pesquisa evocam em seus relatos.

Outro exemplo é relacionado a minha segunda maternidade. Minha filha tinha 4 anos na época e não prestava muita atenção nas aulas devido a um problema de visão. A professora, rígida e de forma autoritária, a colocava para sentar lá atrás, alegando que ela não tinha rendimento. Minha filha chegava em casa sem saber o que acontecia na escola. Quando fui investigar, a professora me tratou mal, como se minha filha estivesse atrapalhando a aula. Houve uma discussão acalorada na sala cheia de crianças. Essa cena nunca saiu da minha cabeça, pois eu fui ignorante, fui, mas eu não tinha conhecimento naquela época e ela tinha. Eu disse à professora que uma criança como minha filha precisava ficar na frente por causa da sua dificuldade de visão. A professora me acusou de querer ensiná-la a ser professora, mas eu apenas queria que ela cumprisse seu papel. Decidi tirar minha filha daquela escola, mas essa experiência permanece comigo hoje. Como futura pedagoga, quero ser diferente e evitar práticas que prejudicam em vez de ajudar (Malu, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

Surge assim, em Malu, quando inserida na universidade e obtido conhecimento que antes lhe era desconhecido, o desejo de *transformar a realidade* de outros sujeitos que estão inseridos na educação por meio de suas ações e práticas pedagógicas. Há o desejo em oportunizar aos seus futuros alunos um rumo diferente do qual seus filhos tiveram que passar diante do silenciamento e autoritarismo de uma educação opressora. A visão de Malu, portanto, se alinharia aos princípios freirianos.

Segundo Freire (1987, p. 21) “a práxis, (...), é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo, sem ela, é impossível a superação da contradição opressoroprimidos.” Ou seja, a práxis é o ato de refletir criticamente sobre a realidade e agir de forma consciente para transformá-la. Freire argumentava que a educação deveria ser libertadora e que os sujeitos envolvidos no processo educativo deveriam se engajar ativamente na construção de conhecimento e na transformação da sociedade, e esta é resultante de uma “formação permanente, científica, a que não falte sobretudo o gosto das práticas democráticas, entre as quais a de que resulte a ingerência crescente dos educandos e de suas famílias nos destinos da escola” (Freire, 1997, p. 32).

A transformação de Malu ilustra como a vivência materna e a formação em Pedagogia, isto é, as relações entre o "currículo da maternidade" e o "currículo formal", podem proporcionar uma nova perspectiva, permitindo um crescimento pessoal e profissional significativo. Afinal, Malu passa a questionar as práticas educacionais não somente das docentes dos seus filhos, como também a própria formação enquanto futura pedagoga. É uma forma de participação ativa, além da busca por uma educação mais inclusiva. Seguindo essa ótica, Kaka também compartilha

Quando me tornei mãe, meu pensamento mudou totalmente e acabei percebendo a importância de adequar minhas práticas educacionais às preferências do meu filho. Ou seja, no sentido de que: será que é a aula que eu daria ao meu filho ou a que ele gostaria de estudar? (Kaká, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

Ao considerar o ponto de vista do filho e buscar oferecer uma educação alinhada com seus interesses, Kaká demonstra um compromisso em proporcionar uma experiência de aprendizado significativa e adequada às necessidades individuais de cada criança, pensamento este que todo pedagogo deveria ter, independente da condição da maternidade. No entanto, certamente por influência do "currículo da maternidade", temos a sensação de que nós, mulheres que nos tornamos mães, teríamos um sentido mais aflorado/despertado para esse compromisso ao vivenciar a condição da maternidade.

Consequentemente, isso se torna um fator positivo em suas novas práticas. Essa mudança de perspectiva revela como a maternidade pode influenciar na visão e nas escolhas profissionais, levando as mães a repensarem suas práticas e prioridades educacionais. É importante salientar que esse ponto de vista infere-se a partir dos relatos das participantes, demonstrando, de certa forma, uma visão romantizada, tanto da maternidade, quanto da pedagogia. Com relação a romantização da maternidade, “[...] supõe-se que a mulher, por ser quem gera os filhos, desenvolve um amor inato pelas crianças e fica sendo a pessoa melhor capacitada para cuidar delas” (Brasileiro, 2023, p. 10 apud Falke; Wagner, 2005, p. 9).

Precisamos enfatizar também a importância de reconhecer as aprendizagens que as mulheres que se tornam mães têm e as qualidades adquiridas na maternidade, já que, longe de ser um atributo meramente "natural", retomo a noção de Meyer (2003) de que existem "pedagogias da maternidade" em circulação, voltadas a produzir tipos específicos de mãe. Reflito sobre isso pois acredito que não há um "cursinho preparatório" para ser mãe disponibilizado para todas as mulheres que as ajudem a exercer esse "cargo insubstituível".

Mas há todo um investimento para que mulheres que se tornam mães aprendam a cuidar de seus filhos e a se comportarem de determinadas maneiras.

Lima (2023, p. 240) afirma que “é necessária e urgente a adequação de um currículo que venha a atender a demanda social desta era globalizada. A humanidade, criativa, capaz de inovar a cada dia, “transforma” o contexto social e essas transformações geram efeitos positivos, inovadores, mas o risco do oposto, também é evidente”. Portanto, Malu, ao significar a educação a partir de sua experiência da maternidade concomitante a sua formação, reforça ainda mais a ideia, tomando também como base as minhas experiências, de que quando passamos a assumir a posição de estudantes mães, não somente vemos a maternidade como um *obstáculo*, mas como um *impulso* na nossa formação e ainda na nossa futura profissão.

Malu recorda sua postura crítica em relação à educação durante a infância de seus filhos, reconhecendo sua imaturidade na época. Agora, como estudante de Pedagogia, ela reflete sobre o quanto amadureceu e compreende a importância de uma abordagem mais ampla e respeitosa no ambiente educacional. No entanto, relata duas experiências

Meu primeiro filho sofreu bastante na época em que estudava. Ele sofreu bullying na escola e não teve inclusão. A escola dizia que a culpa era minha, que eu não dava limites, eles não enxergavam meu filho como uma criança que precisava de ajuda. Isso gerou muita confusão e afetou bastante ele, que hoje tem uma vida social comprometida, com fobia social e depressão. Isso me faz refletir muito sobre a importância da inclusão. Nos meus estágios, tive a oportunidade de trabalhar com crianças autistas, o que me remete ao meu filho e à necessidade de apoio e compreensão. Até hoje, quando vejo uma mãe na rua, digo que toda mãe deveria estudar pedagogia antes de engravidar.

Segundo Marin e Levandowski (2008, p. 107), “o contexto familiar é reconhecido como um fator importante para o desenvolvimento infantil”. Tendo em vista que o primeiro contato da criança com o mundo do conhecimento começa e é estimulado em casa, mesmo que passe despercebido, as mães costumam ser responsáveis por estimular os primeiros aspectos do desenvolvimento infantil. Nesse sentido, “as crenças maternas influenciam na maneira como as mães se comportam com os filhos” (Bahia; Magalhães & Pontes, 2011, p. 102).

Logo, não é de se admirar a frase “*toda mãe deveria estudar pedagogia antes de engravidar*” enunciada por Malu, pois há aí o reforço de que a formação em Pedagogia traria acesso a informações que possibilitaria à essas mães uma interação com seus filhos de forma positiva, despertando neles uma sensibilidade e conhecimento significativo para um melhor

desenvolvimento das habilidades, aptidões e competências da infância como também saber lidar de uma maneira mais crítica em certas situações. O impasse se encontra ao conciliar ambas as posições, já que os desafios são existentes e se reafirmam ainda mais no decorrer das falas das entrevistadas.

Sendo assim, o contato com as experiências de práticas curriculares dentro do curso de Pedagogia fez com que Malu obtivesse uma visão diferente da que tinha antes com relação a como enfrentar os problemas vivenciados como mãe, diante dos acontecimentos encarados por seu filho na escola, reforçando a problemática ideia da similaridade entre as funções maternas e das professoras.

Por fim, é preciso registrar que para estas estudantes, ser mãe e estudante são papéis que exigem malabarismos constantes, mas ambos têm suas próprias recompensas. Para elas, *ser mãe* traz um amor incondicional e uma conexão profunda com o filho, mesmo sem retorno financeiro direto. Já *ser estudante* é um investimento para o futuro, uma busca por melhores oportunidades de trabalho e crescimento profissional. Merly e Laica se encontram em suas falas quando retratam sua prole como motivo de resistência.

Apesar das dificuldades e a existência de contratempos, busco encontrar um tempo para a universidade. Se não tenho tempo durante o dia que estou com minha filha, aproveito quando ela dorme à noite para realizar minhas atividades, para que ela tenha tanto uma inspiração quanto uma vida melhor do que a que eu tive (Merly, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

Pensar na minha filha e no futuro que quero proporcionar a ela é o que me motiva a não desistir, mesmo diante de todas as dificuldades, crises de ansiedade e momentos de choro. Minha filha tem sido minha âncora, minha luz no fim do túnel, lembrando-me de que sou capaz quando penso que não consigo mais (Laica, notas de diário de campo, dezembro de 2023).

A relação entre maternidade e universidade também é destacada por Kaká. “*Acredito que haja uma relação entre a universidade e a maternidade, são coisas diferentes, mas que levam a uma nova vida, uma nova realidade*”, o que reforça a compreensão de que há relações ora conflitantes e tumultuosas, ora próximas e em concordância entre o "currículo formal" do curso de licenciatura em Pedagogia e o "currículo da maternidade". Para essas mulheres, ambas as experiências, e certamente ambos os currículos, tiveram um impacto transformador em sua vida e pensamentos. A entrada na universidade proporcionou novas descobertas, trazendo mudanças profundas a respeito da sua construção profissional, abrindo horizontes para autoconhecimento e realização pessoal. Do mesmo modo, a descoberta da maternidade

trouxe *outras* mudanças, essas também profundas, onde é aguardado o papel de responsabilidade e cuidado de uma segunda vida, que a princípio se trata de um ser dependente, o qual necessita de cuidados desempenhados por segundos/terceiros até o momento da aquisição de sua independência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar uma pesquisa na qual sou também inserida como sujeito, posso e tenho a audácia de dizer que foi uma das maiores experiências vivenciadas durante minha jornada acadêmica. Isso porque relatando minhas experiências, aproximando e distanciando dos relatos das entrevistadas pude compreender que os impactos da maternidade conseguem assemelhar mães mesmo elas estando em realidades totalmente diferentes. A dificuldade em concluir o curso para mim foi o maior impacto que a maternidade trouxe para minha vivência acadêmica, já que tive que adiar a produção do presente trabalho por dois semestres.

A partir dos relatos apresentados, observei que a inclusão, participação e permanência no curso não podem ser dissociadas; devem caminhar juntas para que as mulheres que enfrentam a maternidade e buscam aprimorar sua formação na universidade possam vivenciar essa dupla jornada de maneira igualitária e respeitosa. Embora vejam essa experiência como uma oportunidade de transformar suas vidas, inclusive do ponto de vista financeiro, muitas vezes as estudantes que se tornam mães percebem que a universidade não foi projetada para atender às necessidades específicas. Isso fica evidente quando uma mãe inserida nesse ambiente não recebe o suporte necessário para conciliar suas responsabilidades familiares com os estudos. Outro aspecto significativo, presente nos relatos dessas mulheres e que também se aproxima da minha própria experiência, é o fato de que ao estarem imersas no ambiente universitário e ao alcançarem a formação nesse caso na Pedagogia, tornam-se motivo de orgulho e exemplo para seus filhos.

Diante dos relatos apresentados nesta pesquisa, observei que ainda há uma displicência por parte da paternidade, onde os pais costumam não participar da vida dos filhos, deixando apenas para a mãe a responsabilidade das crianças, evidenciando que a maioria das estudantes ouvidas foram/são as únicas responsáveis pela criação, educação e cuidados com os filhos, encontrando-se em situação de sobrecarga mental, física e psicológica.

As dificuldades se fizeram presentes desde o início da graduação em minha experiência. Gestar em meio a viagens diárias, não estar presente em certos momentos na universidade, momentos estes que me proporcionaria conhecimentos e um currículo enriquecido, entre outras dificuldades que já foram relatadas durante toda essa pesquisa e que foram enfrentadas com determinação, foi esse e tantos outros fatores que me manteve aqui, até aqui. Além do mais, se apegar a empatia dos colegas e suas ajudas que se tornaram gigantescas nesse processo e todos os meios que mantiveram incentivada como a exemplo do

auxílio creche, que mesmo sendo a única forma de atendimento às necessidades de nós mães, foi crucial para minha permanência.

Foi observado um sentimento de insatisfação diante da falta de infraestrutura para acolher as estudantes mães e seus filhos, visto que a universidade ainda não dispõe de espaços como creche, brinquedoteca, área de amamentação e fraldário. Vale salientar que o curso de Pedagogia é um curso ainda recente na UFERSA, o que pode justificar a ausência da implementação/execução desses projetos, o que demanda uma maior burocracia com planejamentos, orçamentos etc.

Apesar dos percalços que foram surgindo ao longo de suas trajetórias maternais e acadêmicas, essas mães estudantes, assim como eu, conseguiram manter-se firmes na busca pela realização dos seus sonhos, acreditando na melhoria de vida que poderá promover aos seus filhos e a si própria. Ao se formar, o que antes parecia inatingível, se torna real e possível, já que vai além de um diploma é abertura para novas possibilidades.

A partir dos relatos dessas estudantes e da minha experiência na graduação, deixo como sugestão a fim de aprimorar e garantir o acesso, a participação e a permanência de mães estudantes na universidade, que seja pensada e executada a ampliação dos programas de assistência estudantil, buscando oferecer o acolhimento por meio da escuta a essas discentes, garantindo a continuidade das Bolsas/Auxílios durante a gestação e período de licença-maternidade, assim como a adaptação das atividades obrigatórias dos projetos aos quais estão inseridas.

Além da ampliação dos programas de assistência estudantil, sugere-se também que a universidade, se tratando de questões infra estruturais, invista na implantação da creche universitária, tendo em vista que apenas o Auxílio Creche não é algo que assegure a permanência de mães que estudam no período noturno e que não possuam rede de apoio com disponibilidade integral ou que não possuam nenhuma rede de apoio; a implantação de fraldários nos banheiros, proporcionando o conforto aos bebês ou crianças bem pequenas na hora do banho ou troca de fraldas, além a implantação de um espaço onde as estudantes que estão na condição de lactantes possam amamentar seus filhos de uma maneira mais confortável e com privacidade, evitando que ambos enfrente situações de desconforto e julgamento de professores e outros estudantes.

Considera-se que as universidades se voltem para essas estudantes com um olhar mais atento, promovendo a esse público as mesmas oportunidades que os demais estudantes, já que é injusto esperar bons resultados dessas mães se os meios não lhe são favoráveis ao

compararmos a realidade desse grupo pesquisado e de outro grupo que não compartilha dessa experiência.

A realização dessa pesquisa me proporcionou, como mulher, estudante e mãe, a valorizar a maternidade sem romantizá-la. É crucial que todos compreendam que, apesar do amor por nossos filhos e de todos os aspectos positivos que eles trazem para nossas vidas, existem também impactos negativos decorrentes dela, especialmente quando tentamos vivenciar outras experiências, desejos e sonhos. Essa pesquisa me fez perceber que não deixamos de ser mulheres ao nos tornarmos mães; temos a capacidade de ocupar outros papéis e que a culpabilização da sociedade, assim como a autocritica que fazemos por não estarmos constantemente presentes na vida de nossos filhos, precisa ser eliminada. Tomar decisões que nos conduzam a novos caminhos não nos torna menos mães. Além disso, a pesquisa também evidenciou a necessidade de os sistemas de ensino, particularmente as universidades, buscarem compreender melhor os indivíduos que frequentam esses espaços e atender às suas necessidades, a fim de que alcancem as expectativas da instituição.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 79–95, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 20 fev. 2024.

ANTONIAZZI, C. B. Maternidade: uma forma de opressão?. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, [S. l.], v. 39, n. 2, p. 92-103, 2021. DOI: 10.11606/issn.1517-0128.v39i2p92-103. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/191555>. Acesso em: 22 dez. 2023.

BAHIA, C. C. S.; MAGALHÃES, C. M. C.; PONTES, F. A. R.. Crenças de mães e professoras sobre o desenvolvimento da criança. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23, n. 1, abr. 2011, p. 99–122. DOI: 10.1590/S1984-02922011000100008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922011000100008>. Acesso em: 01 mar. 2024.

BENETTI, I. C. OLIVEIRA, W. F. O poder terapêutico da escrita: quando o silêncio fala alto. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, [S. l.], v. 8, n. 19, p. 67–76, 2016. DOI: 10.5007/cbsm.v8i19.69050. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69050>. Acesso em: 4 fev. 2024.

BRASILEIRO, A. F. R. **Maternidade na vida acadêmica**: dificuldades de estudantes mães do Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores. 2023. 46f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Cajazeiras (PB). Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/31438/ANA%20FABRICIA%20ROLIM%20BRASILEIRO.%20MONOGRAFIA%20PEDAGOGIA.%20CFP%202023.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 fev. 2024.

CÉSAR, R. C. B.; LOURES, A. F.; ANDRADE, B. B. S. A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher. **Rev Mosaico**. 2019; 10 (2 suppl): 68-75. 1956. DOI: 10.21727/rm.v10i2Sup.1956 Disponível em: <https://doi.org/10.21727/rm.v10i2Sup.1956>. Acesso em: 23 fev. 2024.

CHAVES, S. N. **Memórias de formação**: reminiscências de formadores de professores sobre suas maneiras de ver e de ser na docência. **Revista de Educação em Ciências e Matemática**, Amazônia, v. 1, n. 1 -jul./dez. 2004, v. 1 n. 2 - jan/jul. 2005, p. 87–92. DOI: 10.18542/amazrecm.v1i0.1615. Disponível em: <https://doi.org/10.18542/amazrecm.v1i0.1615>. Acesso em: 05 set. 2023.

CHAVES, S. N. **Reencantar a ciência, reinventar a docência**. São Paulo: Editora da Física, 2013.

COUTO, A.M.V. **Maternidade e vida acadêmica**: a luta pela permanência de estudantes mulheres na universidade pública. 2022. 65f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Humanidade e Saúde, Universidade Federal Fluminense, Rio da Ostras (RJ). Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/30008>. Acesso em: 23 fev 2024.

CREPALDI, M. A. et al.. A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 3, p. 579–587, set. 2006. DOI:10.1590/S1413-73722006000300014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000300014>. Acesso em: 14 mar. 2024.

DANTAS, C.; JABLONSKI, B. & FÉRES-CARNEIRO, T. Paternidade: Considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. **Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 29, 2004, p.347-357. DOI: 10.1590/S0103-863X2004000300010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000300010>. Acesso em: 23 fev. 2024.

DE FREITAS, D.; GALVÃO, C. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciências & Cognição**, [online] v. 12, n. 11, p. 219-233. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org>. Acesso em: 20 fev 2024.

EMIDIO, T. S.; CASTRO, M. F. Entre Voltas e (Re)voltas: um Estudo sobre Mães que abandonam a Carreira Profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, e221744, 1-16 p. 2021. DOI: 10.1590/1982-3703003221744. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003221744>. Acesso em: 04 mar. 2024.

FARAH, M. F. S.. Gênero e políticas públicas. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 47–71, jan. 2004. DOI: 10.1590/S0104-026X2004000100004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100004>. Acesso em: 04 mar. 2024.

FINAMORI, S. “**Mães solos**”: parentalidades, conjugalidades e noções de família. Apresentado no 43º Encontro Anual da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), no ST34 (Relações familiares, gênero e política: controvérsias, afetos e direitos). Caxambu (MG): 2019: Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/38415/2/sabrinaMaesSolo.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2024

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FORNA, Aminatta. **Mãe de todos os mitos**: como a sociedade modela e reprime as mães. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

GASPARY, A. S. **Maternidade, universidade e educação infantil**: sutis violências de gênero. 2019. 26p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)- Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/204292>. Acesso em: 02 fev. 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GURGEL, E.; MAKNAMARA, M. “Minha vida daria um filme?” – uma viagem entre as fronteiras da realidade e da ficção. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.],

v. 2, n. 6, p. 565–582, 2017. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2017.v2.n6.p565-582. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3763>. Acesso em: 15 set. 2023.

GURGEL, E.O **O que faz um currículo que verte sangue?:** nas entranhas de uma subjetividade zumbi. 2022. 214f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador (BA). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35594/1/Tese%20%5bEvanilson%20Gurgel%5d.pdf>. Acesso em: 06 fev 2024.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade:** uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 2, p. 464-478, jul./dez., 1995.

HOOKS, Bell. Políticas feministas: em que ponto estamos. In: **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrematadoras /Tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KLEIN, C.; MEYER, D. E. PEDAGOGIAS DA MATERNIDADE NO ÂMBITO DA POLÍTICA PRIMEIRA INFÂNCIA MELHOR/RS. **Revista Teias**, [S. l.], v. 19, n. 55, p. 211–226, 2018. DOI: 10.12957/teias.2018.33408. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/33408>. Acesso em: 20 fev. 2024.

LIMA, I. N. de. Modalidades do currículo: Currículo formal x currículo real concepções e características em sua construção. **Rebena - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, [S. l.], v. 5, p. 229–241, 2023. Disponível em: <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/87>. Acesso em: 1 mar. 2024.

LIMA, M. E. C. DE C.; GERALDI, C. M. G.; GERALDI, J. W.. O Trabalho com Narrativas na Investigação em Educação. *Educação em Revista*, v. 31, n. 1, p. 17–44, jan. 2015. DOI: 10.1590/0102-4698130280. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698130280>. Acesso em: 24 abr. 2024.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, Bauru, v. 2, 2004. 10p. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf. Acesso em: 23 ago. 2023.

MARIN, A.H.; LEVANDOWSKI, D.C.Práticas Educativas no Contexto da Maternidade Adolescente: Breve Revisão da Literatura. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 12, n. 1 - jan./jun., 2008, p. 107-113. DOI:10.5380/psi.v12i1.7394. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v12i1.7394>. Acesso em: 28 fev. 2024.

MENEZES, R. S. *et al.* Maternidade, Trabalho e Formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos. **Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 20, n. 21, p. 23-47, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542012000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 ago 2023.

MEYER, D. E. E. A maternidade em discussão: entrevista com Dagmar Meyer. In: **IHU on-line**. São Leopoldo, RS, 2003. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/252876/000436397.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 Jan 2024.

MEYER, D. E. E. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. **Revista gênero**, Niterói, v. 6, n. 1, p. 81-104, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Dagmar-Meyer-6/publication/237619825_A_POLITIZACAO_CONTEMPORANEA_DA_MATERNIDADE_CONSTRUINDO_UM_ARGUMENTO1/links/0046353a02a0e9fd3c000000/A-POLITIZACAO-CONTEMPORANEA-DA-MATERNIDADE-CONSTRUINDO-UM-ARGUMENTO1.pdf. Acesso em: 30 jan 2024.

MEYER, D. E.. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. In: **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 33-58, set./dez. 2003. DOI: 10.22456/1982-8918.2817. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2817>. Acesso em: 05 dez. 2023.

MINAYO, M.C.S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**[online] v. 17, p. 621-626, 2012. DOI: 10.1590/S1413-81232012000300007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Acesso em: 30 ago. 2023.

OLIVEIRA, V. M.; SATRIANO, C. R. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 23, n. 51, p. 369–386, 2018. DOI: 10.26512/lc.v23i51.8231. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8231>. Acesso em: 15 fev. 2024.

OKIN, S. M.. Gênero, o público e o privado. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 2, p. 305–332, maio 2008. DOI: 10.1590/S0104-026X2008000200002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000200002>. Acesso em: 05 mar. 2024.

OSTETTO, L. E.; KOLB-BERNARDES, R.. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. **Pro-Posições**, v. 26, n. 1, p. 161–178, jan. 2015. DOI: 10.1590/0103-7307201507611. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-7307201507611>. Acesso em: 20 fev 2024.

PARAÍSO, M. A. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Currículo sem fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 388-415, 2016. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/paraiso.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2024.

PARAÍSO, M. A. Currículo, desejo e experiência. **Educação e Realidade**, v. 34, n. 02, p. 277-293, 2009. ISSN 0100-3143. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0100-31432009000200017&script=sci_abstract. Acesso em: 15 mar. 2024.

PASSEGGI, M. C.. A pesquisa (auto)biográfica: por uma hermenêutica descolonizadora. In: **Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 302-314, ago.-dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>. Acesso em: 28 ago. 2023.

PASSEGGI, M.; NASCIMENTO, G.; OLIVEIRA, R. A. M.. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, n. 33, p. 111-125, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/349/34949131009.pdf>. Acesso em: 23 fev 2024.

RIBEIRO, F. G. **Mães estudantes**: desafios da maternidade e da permanência na Universidade enfrentados pelas alunas do Curso de Serviço Social da UnB. 2016. 63f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade de Brasília (UnB), Brasília (DF). Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/17382>. Acesso em: 01 fev 2024.

SANTOS, L. S. MARTINS, K. S. B. S. JUSTI, J. “Tornar-se mãe” durante a formação acadêmica: desafios da maternidade sob a perspectiva educacional e sociológica. In: **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, (março 2020). Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccs/2020/03/maternidade-perspectiva-educacional.html>. Acesso em: 07 ago. 2023.

SIQUEIRA, A. B. O retorno de jovens e adultos aos estudos formais após 20, 30, 40 anos. **Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, UNISUL, Tubarão, v. 2, n. 1, p. 32-43, Jan./Jun. 2009. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/77/83>. Acesso em: 06 fev. 2024.

SOARES, L. S. *et al.* Vivência de mães na conciliação entre aleitamento materno e estudos universitários. **Av. Enferm.** [online]. 2017, vol.35, n.3, pp.284-292. DOI 10.15446. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v35n3.61539>. Acesso em: 04 fev. 2024.

TRINDADE, M. A. VERTENTES DA EDUCAÇÃO-COMO PODEMOS PENSÁ-LA? RESUMO CRÍTICO DO LIVRO DOCUMENTOS E IDENTIDADE: Resenha do livro Uma introdução às teorias do currículo. SILVA, Tomas Tadeus, 9º. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 156p. **PAULUS: COMFILOTEC**, v. 8, n. 4, 2018. Disponível em: <https://revista.fapcom.edu.br/index.php/revista-comfilotec/article/view/333>. Acesso em: 15 mar. 2024.

Universidade Federal Rural do Semi-Árido [UFERSA]. (2016). *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia* (documento digital). Angicos. Disponível em: <https://documentos.ufersa.edu.br/wp-content/uploads/sites/79/2016/02/PPC-Pedagogia-UfERSA-APROVADO-NO-CENTRO-MULTIDISCIPLINAR-DE-ANGICOS.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2023.

URPIA, A. M. O.; SAMPAIO, S. M. R. Tornar-se mãe no contexto acadêmico: dilemas da conciliação maternidade - vida universitária. In: **Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras**, Cachoeira e São Félix, v. 3, n. 2, p. 30-43. Disponível em: <http://www3.ufpb.edu.br/seer/index.php/reconcavos/article/download/1094/663/>. Acesso em: 07 ago. 2023.

VENTURA, L.; CRUZ, D. M. Metodologia de narrativas autobiográficas na formação de educadores. *Revista Diálogo Educacional*, [S. l.], v. 19, n. 60, p. 426–446, 2019. DOI:

10.7213/1981-416X.19.060.AO06. Disponível em:
<https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/23455>. Acesso em: 23 fev. 2024.

VICENTE, F. Mães estudantes: uma demanda que o sistema ignora. In: **Cientista que virou mãe**. 2017. Disponível em:
<https://cientistaqueviroumae.com.br/maes-estudantes-uma-demanda-que-o-sistema-ignora>. Acesso em: 06 fev 2024

ZANG, M.S.; BLANCO, S.F.M.M.; BOBSIN, G.R.B. **Permanência das Mulheres-mães no Ensino Superior**. Apresentado no 32º Seminário de Iniciação Científica da Universidade do Estado de Santa Catarina (SIC UDESC). Santa Catarina (SC): 2022. Disponível em:
https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/15657/Permanencia_das_mulheres_mes_no_ensino_superior_16635872869597_15657.pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.

APÊNDICE A

Modelo de Roteiro de Entrevista semi-estruturada

Nome:

Pseudônimo:

Idade:

Município em que residem:

Qual a idade que estava quando gestou:

Em que período está no curso:

Está atrasada ou não em relação à turma original:

Questões semi-abertas

- 1) Contar um pouco sobre sua história de vida, correlacionando com a escolha pelo curso de Pedagogia.
- 2) Narrar sobre o processo de tornar-se mãe - sentimentos, emoções, questionamentos, dificuldades em relação ao curso/campus.
- 3) Como está sendo a sua participação, enquanto mãe, na tríade universitária - ensino, pesquisa e extensão?
- 4) Houve alguma inclusão em termos de auxílio, licença ou bolsas acadêmicas? Quão importante foi essa inclusão, nesse momento?
- 5) Quais foram as dificuldades encontradas durante o percurso para a sua permanência e conclusão do curso?
- 6) Quais foram as formas de resistência que você conseguiu realizar, mesmo com as dificuldades encontradas?